

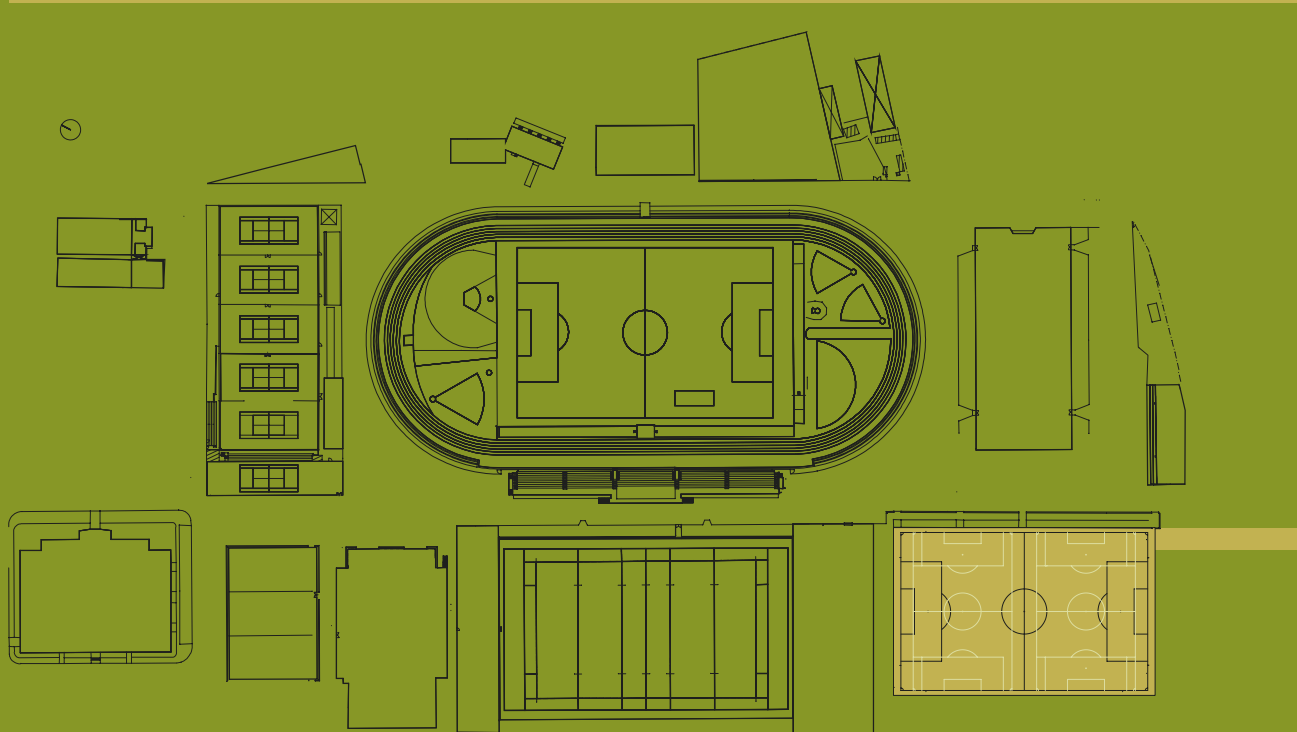
ESTÁDIO UNIVERSITÁRIO DE COIMBRA

a prática desportiva na universidade e na cidade

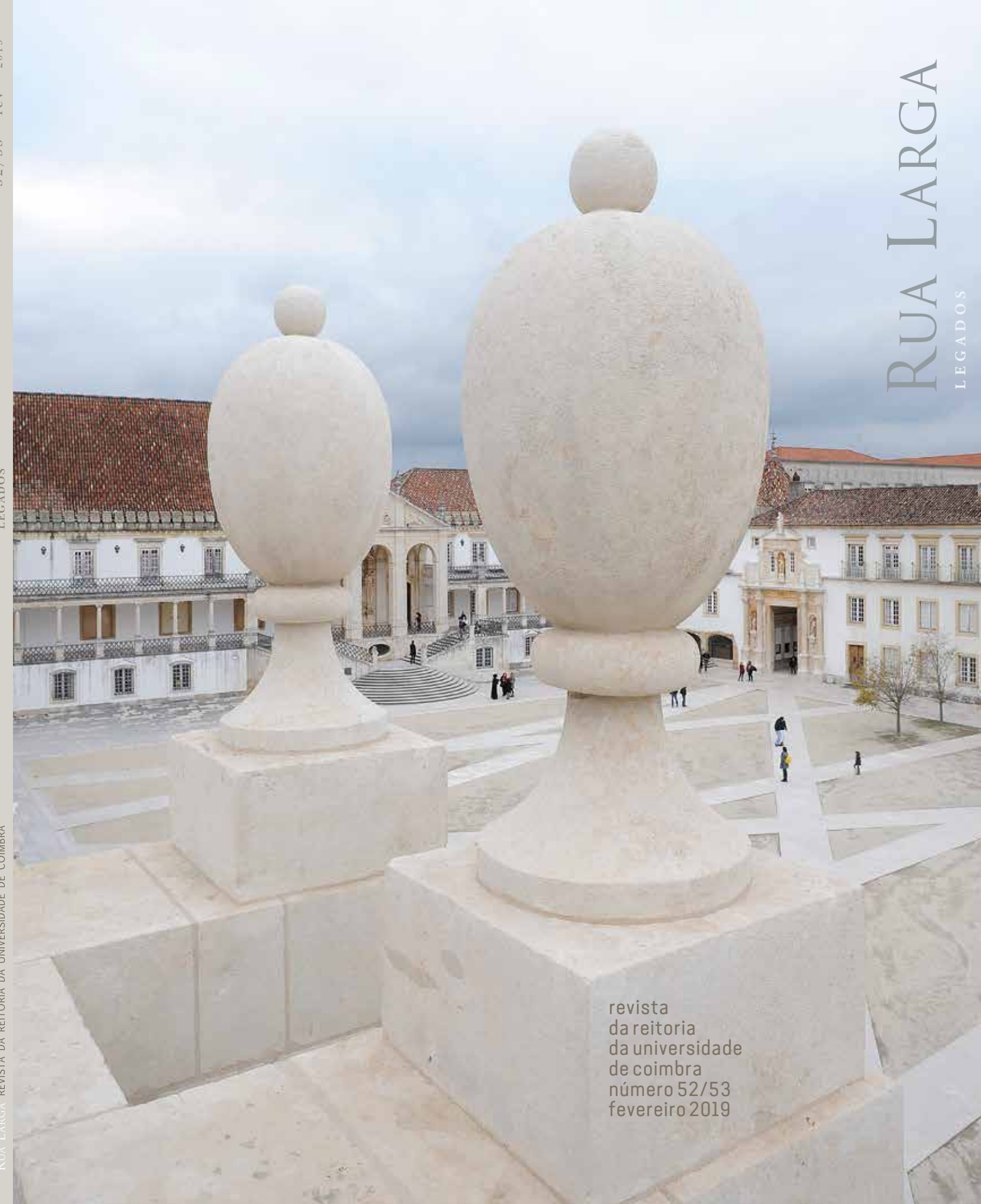
- | | | | |
|-----------------|----------------|------------------|----------------|
| ANDEBOL | CULTURA FÍSICA | HALTEROFILIA | RUGBY |
| ATLETISMO | DEFESA PESSOAL | HÓQUEI EM PATINS | TÉNIS EM CAMPO |
| BADMINTON | FUTEBOL 7 | JUDO | TIRO COM ARCO |
| BASQUETEBOL | FUTEBOL 11 | KARATÉ | VOLEIBOL |
| BOXE | FUTSAL | ESCALADA | |
| CONDIÇÃO FÍSICA | GINÁSTICA | RADIOMODELISMO | |



CAMPO SUL _UM NOVO ESPAÇO
futebol 7 e futebol 11



www.uc.pt/estadiouniversitario



RUA LARGA

5 2 | 5 3

L E G A D O S

PROPRIEDADE
Universidade de Coimbra

DIRETOR
João Gabriel Silva

DIRETORA-ADJUNTA
Clara Almeida Santos

EDITORA
Marta Poiares • rua.larga.uc@gmail.com

DIREÇÃO ARTÍSTICA
António Barros

FOTOGRAFIA
João Armando Ribeiro

INFOGRAFIA
Henrique Patrício
Sara Baptista

PRODUÇÃO
Luísa Lopes

EDIÇÃO
Imprensa da Universidade de Coimbra
Rua da Ilha, 1
3000-214 COIMBRA • PORTUGAL
Telef./Fax.: 239 247 170
Email: impressauc@uc.pt

IMPRESSÃO
Gráfica Diário do Porto, Lda.

TIRAGEM
1500 ex.

ISSN
1 6 4 5 – 7 6 5 x • Anotado no ICS

CAPA
Paço das Escolas, Universidade de Coimbra

www.uc.pt/rualarga
rualarga@uc.pt • Tel. 239 859 823

PONTOS DE VENDA
Loja UC
Livraria Virtual: <http://tinyurl.com/potg4o7>

EDITORIAL

O Património de uma Universidade
nos Caminhos do Futuro - P.05

João Gabriel Silva

PATRIMÓNIO

Valorização e recuperação
do Paço das Escolas
e do Colégio das Artes:
pensar a parte com sentido do todo - P.06
Vitor Murtinho

A Porta Férrea
da Universidade de Coimbra - P.15
Maria de Lurdes Craveiro, Luísa Trindade

ENTREVISTA
António Filipe Pimentel - P.18
Marta Poiares

Da Troika a Leslie - P.24
Vitor Murtinho

Reabilitação
das Estufas Tropicais
do Jardim Botânico
da Universidade de Coimbra:
um laboratório de atmosferas - P.39
João Mendes Ribeiro

Diálogo intercultural
em patrimónios
de influência portuguesa - P.42
Walter Rossa

Nos dez anos dos Estatutos da
Universidade de Coimbra - P.44
João Filipe Queiró

DESPORTO UNIVERSITÁRIO

Os Jogos Europeus Universitários
Coimbra 2018 - P.49
Mário Santos

De volta ao Estádio:
as instalações desportivas da cidade
universitária de Coimbra - P.54

Para além da utopia:
pensar a identidade do desporto
universitário a partir dos Jogos Europeus
Universitários Coimbra 2018 - P.56
António Barros

RETRATO DE CORPO INTEIRO
Dupla de sangue, suor e lágrimas - P.62
Marta Poiares

criação literária
O nadador de sonhos - P.64
Nuno Carrilho

●
LUGARDOS LIVROS
Prémio Joaquim de Carvalho 2018
Alguns Homens do Meu Tempo
e Outras Memórias de
Jaime Batalha Reis (2017) - P.70
Elza Miné

CAMINHOS
21.ª Semana Cultural
da UC - P.72

UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

I
IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS
U



O PATRIMÓNIO DE UMA UNIVERSIDADE NOS CAMINHOS DO FUTURO

Há cerca de um século, a já seis vezes centenária Universidade em Coimbra perdeu o monopólio do Ensino Universitário em Portugal. Os privilégios com que os Reis portugueses sempre tinham distinguido a Universidade de Portugal, cuja localização estabilizara em Coimbra no século XVI, extinguiram-se com a República. Esta almejava um ensino menos restrito, acessível a mais cidadãos, incompatível com a existência de uma única universidade e, logo em março de 1911, menos de seis meses depois da implantação da República, foram criadas novas universidades em Lisboa e no Porto. A Universidade em Coimbra deixou de ser a Universidade de Portugal, em Coimbra, para ser a Universidade de Coimbra (UC).

Os candidatos a estudos superiores passaram a poder escolher. Embora o número de vagas continuasse a ser exíguo em relação à população portuguesa, e a UC

tivesse deixado de conseguir reservar automaticamente para si os melhores estudantes, não percebeu uma alteração qualitativa que resultava desta mudança: para continuar a liderar tinha de ser melhor do que as outras universidades portuguesas. Não bastava simplesmente existir, como até aí. Estando fora, já nessa altura, dos grandes centros urbanos portugueses, sem uma profunda alteração de filosofia de funcionamento, deixaria de ser a principal universidade portuguesa.

Foi essa evolução que ocorreu ao longo do século XX, em que a UC foi mantendo uma posição importante, graças à sua história, à qualidade que continuou a apresentar em muitos domínios, e à vivência única que proporciona, mas sem a posição de liderança incontestada de antanho, devido à companhia de outras universidades portuguesas de qualidade, tendência que mais se acentuou quando, nas décadas de 70 e 80 do século XX, foram criadas ainda mais universidades públicas em Portugal, atingindo-se as 14 atualmente existentes.

Neste início do século XXI, interessa finalmente seguir, em pleno, uma estratégia que devolva à UC a sua ancestral liderança no espaço de língua portuguesa, desta vez por ser a de maior qualidade, e não por ser a única. Capaz de ter uma posição de destaque no mundo, e por essa via, afirmar a nossa língua e a nossa cultura. Esta estratégia, que devia ter sido aplicada logo desde 1911, centra-se na consideração exclusiva do mais exigente critério de mérito académico, nas suas vertentes de investigação, ensino e extensão, em todos os processos de contratação e promoção, e em geral na distribuição de recursos. Afastando todos os outros mecanismos de seleção baseados em proximidades, pertencas, antiguidades, obediências e conformismos, que resultam numa universidade sem vitalidade.

O enorme património histórico, cultural, arquitetónico e científico, que levou ao reconhecimento pela UNESCO da condição da UC como Património da Humanidade, é um olhar severo e atento sobre todos nós, que agora temos a responsabilidade de estar à altura dessa linhagem. No brutal mundo moderno, como o já era no mundo de outrora, Coimbra só pode ser uma Universidade que aceita o desafio do mundo. Não apenas o desafio de nele ser relevante, mas de contribuir substancialmente para o conformar, para lhe desenhar os caminhos a seguir, de prosperidade sustentável. Foi essa capacidade de conformar o mundo que deu à UC o reconhecimento patrimonial. É isso que se espera que a Universidade saiba fazer também no acelerado mundo multilateral do século XXI.

João Gabriel Silva

Reitor da Universidade de Coimbra de 2011 a 2019

VALORIZAÇÃO E RECUPERAÇÃO DO PAÇO DAS ESCOLAS E DO COLÉGIO DAS ARTES: PENSAR A PARTE COM SENTIDO DO TODO

*Porque num contexto
de fragilidade generalizada,
a salvaguarda do património não
pode ser reduzida
a uma simples preferência
pelo passado.*

Michel Lacroix

Citação extraída de,
Le Principe de Noé ou l'Ethique de la sauvegarde,
Flammarion, Mayenne en Mars, 1997, p.12.



VÍTOR MURTINHO *

Pela sua natureza, a arquitetura induz quase sempre a um processo transformativo. Esta operação corresponde a uma tentativa de manipulação que parte de uma realidade, de um ambiente, que com o recurso a um projeto se pretende alterar ou transformar com objetivos, normalmente, valorativos e qualificativos. Na modernidade, esse desígnio constituiu um apanágio e, de algum modo, uma sua marca identitária. Pelo que, qualquer que seja o contexto construtivo, é quase uma normalidade existir uma certa apetência pela novidade por parte dos arquitetos, havendo uma inconfessada tolerância pela aceitação do aspeto novo. Mas, paradoxalmente, nalguns outros aspetos, incentivamos culturalmente a preservação dos artefactos do passado, cientes de que estes nos ajudam a estabelecer uma continuidade que nos liga ao presente e nos cria, aparentemente, uma forte estabilidade para o futuro. Na atualidade, muita da arquitetura vive numa tensão permanente, não descortinando para que lado deve tender, transformando o desempenho

profissional numa prática que se exerce sobre o *fio da navalha*. Difícil será dizer qual a metodologia mais apropriada, descortinar qual a abordagem mais adequada, sabendo-se sempre que o tempo esculpe e dá consistência à obra, mas que esse mesmo tempo, por vezes, não perdoa o dano, mesmo que circunstancialmente se o camufle.

Na mesa das operações, iremos ter duas medidas para um património classificado: uma abordagem mais transformativa, querendo deixar lastro do seu tempo; e uma outra, mais serena, querendo dilatar a vida e o aspeto de algo a que o tempo anterior já deu forma estável, cuja realidade se pretende perpetuar. Descobrir qual a metodologia mais correta só se consegue dando tempo ao tempo, apesar de se saber que se a alteração acrescenta potencial valor, simultaneamente apaga e reduz a pó a espacialidade que outra geração nos deixou como legítimo legado. Um legado tão rico como aquele que a Universidade Coimbra (UC) possui é, certamente, uma oportunidade única para poder partilhar uma história secular que compreende um

continuum cultural e de tradição, que transcende a sua realidade material, nas suas diversas camadas, tornando-se um local de excelência para alargar conhecimento, quando não seja mesmo para genuinamente o produzir¹. Certamente não subsistem dúvidas quanto à intensidade e ao desenvolvimento de uma política muito direcionada para a valorização do riquíssimo património histórico que a UC possui, sustentada em princípios determinados de preservação global das linguagens, da integração paisagística, com respeito pelas materialidades e pelos sistemas construtivos. As diferentes e múltiplas ações de recuperação, de refuncionalização de inúmeros espaços da instituição visam dar seguimento a uma estratégia sustentada e metódica de reabilitação e manutenção do parque edificado classificado como Património Mundial, mas que se mantém apto para o desenvolvimento de diversas funções, sejam elas universitárias ou de apoio à comunidade.

Enquadrado no Programa CENTRO 2020, e tendo como enfoque principal o Património Cultural UNESCO, direcionado para os domínios da sustentabilidade e eficiência no uso de recursos, foi criado um concurso, por convite, que visava a disponibilização de apoio financeiro, cujo objetivo visasse a promoção e valorização desse legado e, concomitantemente, contribuisse para o reforço e coesão territoriais. Este programa, que apresenta uma taxa máxima de financiamento FEDER no valor de 85% das despesas elegíveis, foi certamente o pretexto para o desenvolvimento da candidatura, que contou desde o início com o entusiástico apoio e o patrocínio da direção da Faculdade de Direito da UC, cuja denominação foi de Valorização e Recuperação da Sala dos Capelos, Palácio Real e Colégio das Artes. Como o próprio nome indica, esta ação supõe trabalhos que visam a melhoria das condições espaciais no Colégio das Artes e de qualificação na área do Paço das Escolas. Este projeto de investimento, constante no Programa Operacional Regional do Centro 2014-2020, tem como prioridade a promoção, dinamização e valorização do património cultural, permitindo a afirmação da região enquanto destino turístico de excelência. Por outro lado, os edifícios escolhidos vão ao encontro das prioridades elencadas no Plano Estratégico e de Ação 2015-2019 da UC.

No caso específico do Paço das Escolas, onde está prevista uma importante intervenção, sendo um local com forte representação simbólica, além do valor patrimonial do edificado, este é, simultaneamente, um espaço que sugere múltiplas realidades intelectuais, culturais e temporais. Qualquer análise isenta que se faça àquele local tenderá,

facilmente, para a constatação de que uma boa parte da portugalidade se gerou, se consolidou, se desenvolveu, muito em torno daquele belo complexo monumental. No fundo, muita da história do país foi elaborada, descrita, tendo como palco narrativo esta paisagem que nos melhores e piores momentos sempre contou com a solidariedade do rio Mondego, com a sua água límpida ou lamacenta. Por esse motivo, deve ser meticulosamente ponderada qualquer ação interventiva que tenha como motivação e propósito a transformação de um lugar cuja sedimentação foi iniciada muito tempo antes do desígnio determinado da nossa independência. E o mais sensato é mesmo melhorar naquilo que se verificar como inquestionável – e quase imperativo –, optando-se na sua maioria pela reabilitação, quando a mera limpeza não se apresenta como satisfatória ou suficiente. Esta estratégia coloca esta ação no âmbito da conciliação, entre aquilo que é preciso fazer e aquilo que eticamente se apresenta como plausível, correspondendo ao que Vittorio Gregotti define como *o possível necessário*². No caso do Colégio das Artes, cujos projetos conceptuais são desenvolvidos pelo Departamento de Arquitetura (DARq), a candidatura previa inicialmente duas componentes de intervenção no edificado. Uma primeira, que abrangia o primeiro andar de meia ala na parte poente do Colégio, setor su,l e que teve como objetivo criar condições mais definitivas para a disciplina de projeto do primeiro ano do curso de Arquitetura. Existia, também no contexto da candidatura inicial, uma outra componente – importante – que previa a reabilitação integral do claustro e a construção de um auditório. Infelizmente, por o projeto não se encontrar concluído, esta componente foi considerada como inelegível pela entidade financiadora, forçando a que, contrariamente ao expectado pela Reitoria, as intervenções no Colégio das Artes se confinassem a uma única componente de obra: sala de projeto. De notar que a candidatura inicial era de cerca de cinco milhões de euros e, decorrente deste facto, esta foi diminuída para um montante de investimento de cerca de três milhões e seiscentos mil euros, já que essa segunda componente, conjuntamente com os respetivos serviços de fiscalização da obra, correspondia a cerca de um milhão e quatrocentos mil euros.

Inevitavelmente, no Colégio das Artes, dada a área do edifício, será muito difícil a reabilitação integral num único processo, estando prevista a sua intervenção recorrendo a um modo faseado. Esta metodologia, além das vantagens orçamentais, será o único processo de compatibilizar as necessárias obras com a atividade letiva intensa a que o edifício está habitualmente sujeito.

Assim, qualquer trabalho que se desenvolva no edifício terá de prever a respetiva circunscrição, de modo a perturbar o menos possível as funções que normalmente aí ocorrem. Para esse efeito, obviamente, será necessária a existência de vários projetos, para zonas localizadas, que possibilitem, no futuro, um incremento faseado de obras, como também constituam, eles mesmos, uma carteira de ofert,a caso haja oportunidade de candidatura a fundos europeus, como foi este o caso e que, infelizmente, dadas as diretivas governamentais quanto à gestão dessas verbas, se tornam ocasiões muito escassas. Acredita-se que esta dinâmica futura de estaleiro permanente no DARq será uma excelente oportunidade para o envolvimento dos estudantes e do próprio corpo docente na problemática do projeto e da respetiva obra, podendo a comunidade ter um conteúdo permanente e de proximidade com muitas das componentes da construção, servindo esta como um fator importante na formação académica.

Após o empreendimento de reabilitação da denominada *marquise* (antiga galeria de helioterapia) situada na ala norte do claustro do Colégio das Artes, a sala de projeto (ambos os trabalhos são da autoria do professor Paulo Providência que é, aliás, quem coordena o processo de conceção geral do edifício) visa contribuir para a ação de reabilitação progressiva do edifício, adequando-o às valências de ensino da arquitetura. Apesar de o espaço ser partilhado com a unidade orgânica do Colégio das Artes, as intervenções foram priorizadas para o DARq de modo a suprir as necessidades mais prementes do mestrado integrado em Arquitetura. A intervenção da sala de projeto, segundo o seu autor, visa recuperar uma imagética que aproxima o espaço intervencionado de uma enfermaria hospitalar, possibilitando um espaço amplo, praticamente sem obstáculos, tornando-o disponível para atividades diversas, consoante as necessidades pedagógicas. A solução preconizada prevê a construção de um mezanino em zona central, estando contemplada uma melhoria das condições acústicas e de aquecimento. Esta proposta tem, ainda, inerente, uma alteração do desenho dos vãos do edifício, quer na fachada exterior, quer na do claustro, havendo a intencionalidade de aumentar a espessura dos caixilhos, dotando-os de vidro duplo, permitindo o melhoramento das condições térmicas do espaço, ao mesmo tempo que o seu aspeto é simplificado através do recurso de uma configuração menos elaborada do que a existente. O objetivo é utilizar este estudo como teste para uma solução que se pretende replicar nos restantes vãos do edifício,o aquando de ações posteriores de alterações no espaço construído.

Mas, no contexto desta candidatura e pelas vicissitudes já descritas, a maior amplitude de intervenção passou a concentrar-se na zona envolvente ao complexo que se

reúne no Pátio da Universidade. Nesse âmbito, a intervenção tem o seu maior incremento e impacto no que diz respeito ao edificado do designado Paço das Escolas. Complementarmente, uma outra componente deste projeto que envolve a limpeza e consolidação de alguns elementos escultóricos preponderantes, como os do portal do Colégio de S. Pedro, do portal da Capela de S. Miguel, do portal principal de entrada nos Gerais e todos os elementos escultóricos existentes no Largo da Porta Férrea (incluindo os que ficam nos edifícios da Faculdade de Medicina e no Departamento de Física), estendem um pouco o espaço físico da intervenção. Estas ações de conservação visam minimizar ou colmatar o enegrecimento pétreo derivado de colonizações biológicas e pela sucessiva acumulação de sujidade. Basicamente, aquilo que se pretende neste projeto da autoria do engenheiro Fernando Marques é proceder a uma limpeza suave de superfícies, com eliminação de colónias, e fazer a consolidação pontual de fissuras e concretizar a estabilização de juntas com a respetiva hidrofugação.

Outro aspeto deste processo tem que ver com a valorização cénica noturna do Paço das Escolas. Aquilo que se pretende é resolver o problema da sua iluminação interior e exterior. No caso do Pátio da Universidade, essa foi uma questão que ficou adiada aquando da recente requalificação desenvolvida pelos arquitetos Gonçalo Byrne e José Barra, e que era fundamental retomar, ou melhor, completar. Também no que concerne à iluminação, urge resolver o problema da crónica perceção noturna do conjunto edificado do Paço das Escola,s quando visto da Baixa da cidade e da zona de Santa Clara. Este enquadramento, que corresponde a um dos mais típicos da cidade possui um sistema de iluminação obsoleto, múltiplas vezes deficiente e que não valoriza aquele inigualável conjunto arquitetónico de valor universal. Esta solução da autoria do engenheiro Luís Ribeiro, com recurso a sistemas de baixo consumo, pretende proporcionar uma melhor leitura noturna do conjunto edificado, dignificando a sua arquitetura e possibilitando um aspeto mais equilibrado e harmonioso.

Um outro problema, que também se mantém e que não foi resolvido com a anterior intervenção, é a criação de condições de repouso no Pátio das Escolas. Na realidade, com o aumento de porte das árvores no interior do pátio tornou-se mais premente a implementação de bancos que permitissem, de modo mais calmo e sereno, um local exterior apropriado para retemperar energias e usufruir da singularidade de vistas. Para esse efeito, foi desenhado um conjunto de bancos, materializados como blocos maciços de pedra, idênticos aos que se haviam projetado para o largo da Porta Férrea, que distribuídos

1 Pallasmaa, Juhani, *Essências*, Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 2018, pp. 13-14.

2 Ver Gregotti, Vittorio, *Il Possibile Necessario*, Bompiani, Milão, 2014



segundo uma lógica rigorosa, vão tornar ainda mais atrativo para os pedestres o desfrute de espaços, com sombreamento arbóreo, quando as condições da intensidade solar assim o estimularem e o tornarem quase como imperativo. Também pelo punho de Gonçalo Byrne e de José Barra, por sugestão da Universidade, foi pensada uma solução estruturada que irá possibilitar de modo estável a acessibilidade ao Colégio de S. Pedro. Na atualidade, o acesso de pessoas de mobilidade condicionada à zona da Reitoria é assunto que não vislumbrava grande sucesso. A proposta de implementação de um elevador junto à escadaria principal do colégio, aproveitando uma escada privativa e que ligava interiormente o andar superior à cave do edifício, vai permitir um melhor acesso aos diferentes pisos, quer da Reitoria, quer da Faculdade de Direito (FDUC). Esta obra de acessibilidade é complementada pelo desenho de uma rampa, análoga à que já se havia projetado, anteriormente, para a Biblioteca Joanina, que de modo simplificado vai permitir vencer a pequena escadaria exterior que garante o acesso ao Colégio de S. Pedro.

Sendo vasto o património artístico que engloba o Paço das Escolas, a componente azulejar, dispersa por inúmeros espaços do grande edifício, constitui um valor que extravasa o aspeto meramente decorativo. Assente numa lógica de preservação e valorização deste importante espólio, foi selecionado um conjunto alargado de locais que pela sua riqueza, aparato e valor estético, mas também pelo seu estado de conservação, deveriam ser objeto de intervenção. No processo de escolha foram considerados como prioritários o Claustro dos Gerais e as salas de aula da Faculdade de Direito contíguas, alguns dos átrios de acesso, a escadaria norte e a Sala Grande dos Atos. Por exemplo no claustro, ao nível do lambrim, existem vários azulejos em mau estado e outros que sendo cópias de datação mais recente, mas de fraca qualidade; torna-se pertinente tanto uma meticolosa ação de reparação, com colmatação de destacamentos muitos deles provocados pela presença de sais solúveis, de limpeza de sujidades superficiais, de refecimento de juntas, como, ainda, a eventual substituição. Neste último aspeto, temos o caso de nas salas de aula, ao nível dos lambris, existirem várias lacunas colmatadas por azulejos brancos de fabrico industrial, utilizadas no contexto de uma anterior instalação de condutas embutidas para ar condicionado, e que é urgente repor. Estando prevista uma revisão do sistema de aquecimento e de refrigeração dos principais espaços letivos, a intervenção nos respetivos espaços azulejares tornou-se num desígnio que passou a ter todo o sentido numa lógica de requalificação mais abrangente destes espaços da FDUC. Assim, além das tarefas já descritas, está previsto o melhoramento das condições térmicas e acústicas das salas (bem como da biblioteca da faculdade), com recurso

a isolamentos e ações concertadas de pintura e restauro do mobiliário fixo, pressupondo, cumulativamente, soluções que aumentem substancialmente o conforto espacial. Sendo um propósito a melhoria das condições letivas das salas de aula, todo o sistema AVAV irá ser revisto, substituindo-se condutas, aproveitando os caminhos preexistentes que atravessam todos os desvãos de coberturas e que seguem em prumada nas paredes das salas de aula. Será proposta também a substituição de todos os equipamentos obsoletos por outros que garantam melhor eficiência energética e de consumo; os equipamentos das instalações AVAC, com disseminação errática atual no edifício, serão concentrados na cobertura plana das instalações sanitárias junto às ruínas da Alcáçova. Estas melhorias terão um forte impacto ao nível do aquecimento, da ventilação e dos sistemas de ar condicionado, pretendendo-se uma melhoria do conforto ambiental dos espaços, usando critérios de facilidades de manutenção e de sustentabilidade. Nesse sentido, está previsto o melhoramento de infraestruturas e de equipamentos de iluminação, eliminando situações espúrias e utilizando soluções mais económicas e com melhor rentabilidade.

Ainda muito recentemente, foi feita a reabilitação de toda a caixilharia exterior das fachadas norte e poente do Paço das Escolas. Esta obra, com diminuto impacto para muitos dos membros da comunidade universitária, trouxe qualidade térmica ao edifício e inequivocamente pode ter sido determinante para o modo como o edifício resistiu à violenta intempérie que a tempestade *Leslie* provocou em toda a região de Coimbra. Dando sequência a uma lógica de reabilitação, fundamentada de que pela parte se chega ao todo, nesta empreitada está prevista a recuperação de caixilharias que ainda não foram objeto de intervenção mais recente. Esta ação prevê, ainda, nos casos que predominantemente correspondam a locais de trabalho, a substituição do caixilho existente por uma solução mais robusta e que permite o recurso a vidro duplo com alto desempenho. A esta solução acresce a substituição ou a implementação de sistemas fixos ou amovíveis que visam melhorar a proteção lumínica aos espaços interiores (tais como portadas, reposteiros e cortinados), funcionando ainda como elementos que proporcionam a sua melhor qualidade térmica e acústica.

Havendo uma já longa ausência em ações de reparação e de tratamento cromático das superfícies parietais exteriores do Paço das Escolas, torna-se imperativo o desenvolvimento de uma obra que tenha como objetivo a reposição da imagem mais asseada, imponente, do edificado. Ora, aquilo que está previsto no âmbito desta intervenção será a limpeza e reabilitação de todas as partes pétreas nas fachadas no Paço das Escolas (salvaguardando as zonas que foram recentemente intervencionadas, mas



mesmo aí procedendo-se a ação de limpeza), com refecimento de juntas e aplicação de produtos hidrorrepelentes. No reboco das fachadas, quando a seu estado o justificar, será removida a camada de esboço, feito o tratamento de fraturas e fissuras, fazendo-se a aplicação de barramento à base de cal, e eventual pintura com tinta à base de silicatos, quando a camada referida não possua a cor já incorporada.

Por último, talvez a obra que consideramos de maior importância, trata-se da substituição da maior parte da superfície de telhado do Paço das Escolas, o que corresponde a uma grande extensão, começando na Sala Grande dos Atos, estendendo-se até à Sala do Senado e prolongando-se até ao topo nascente/sul, que corresponde ao Salão da Reitoria, espaço sobranceiro ao renovado Colégio da Santíssima Trindade. A solução a adotar será análoga à testada, recentemente, com sucesso, na Capela de S. Miguel, quer nas camadas internas de proteção através de membrana impermeável transpirante, quer no sistema de grampeamento em inox das telhas de canudo em barro e com tratamento multicolor. Além da intervenção nas coberturas, é premente a necessidade de intervenção em beirados, cornijas, cimalkas, garantindo continuidades na proteção e assegurando qualidade construtiva da meticulosa intervenção. Será também reabilitada a cobertura do antigo Museu de Arte Sacra, contíguo à Capela de S. Miguel, e o terraço que fica sobre as designadas instalações sanitárias do Turismo, defronte do bar da FDUC, que levará cobertura moderna em camarinha de cobre. Proceder-se-á, ainda, a limpeza e desmatação das ruínas da Alcáçova, entre a Capela de S. Miguel e o auditório da FDUC da autoria do arquiteto Fernando Távora. Esta intervenção será pretexto para fazer uma reabilitação sumária do sistema de grelhagem em cobre e que protege os equipamentos AVAC do grande auditório.

Um cuidado protetor que se estenderá, obviamente, por toda a superfície da designada varanda panorâmica ou do bar dos Gerais, conferindo-lhes uma melhor qualidade estrutural e certamente melhorando o seu aspeto estético. Será dada particular atenção à componente pétreia dos revestimentos do pavimento e às guardas metálicas, aumentando-se as condições de segurança e de conforto. Um trabalho meticuloso, apurado, que se pretende estender a todas as superfícies verticais do Paço das Escolas, possibilitando uma alteração profunda da imagem daquele importante complexo citadino.

Esta obra terá, certamente, um forte impacto no contexto tanto de proximidade como no perfil distante da cidade, já que prevê a instalação de uma cobertura provisória em aparatoso andaimeado, que protegerá melhor a Sala dos Atos

das agruras climatéricas que a natureza haverá de propiciar durante os trabalhos de reabilitação.

Conscientes de que a melhor forma de conservação da arquitetura passa sempre, e sobretudo, pelo controlo do impacto às agressividades climatéricas, muitas das vezes circunscrita à minimização da ação do sol e de controlo rigoroso da humidade, muito do sucesso na manutenção dos edifícios passa acima de tudo pelo cuidado na minimização e resolução destes aspetos.

Com a valorização e recuperação da Sala dos Capelos, Palácio Real e Colégio das Artes, excluindo a componente do auditório e o claustro deste último edifício, está previsto um valor elegível de 3.591.677,00€, o que dará origem a uma comparticipação FEDER de 3.052.925,45€ a fundo perdido, transformando esta intervenção, neste âmbito, como a mais importante e com o maior investimento no complexo do Paço das Escolas das últimas décadas.

Este será, certamente, um conjunto de intervenções que, durante os próximos dois anos, irá causar alguns transtornos e forçar a alteração de algumas rotinas, mas sobretudo permitirá melhorar a imagem da Universidade, fazendo com que aquele importante conjunto monumental possa desempenhar com mais qualidade e com mais dignidade, o papel que muito justamente a UNESCO lhe reconheceu em 2013. Um conjunto de intervenções que irão ajudar a enaltecere a UC como um instrumento de diferenciação, de competitividade e de sustentabilidade do território, seja este no palco do turismo como, principalmente, no do ensino. A salvaguarda e a conservação de qualquer património são conseguidas pela sua preservação em estado de eficiência, condição primordial para que qualquer edifício possa cumprir a sua função, e respondendo a um uso³. Para esse efeito, se possível, o recomendado é existir um esforço metódico na manutenção ou, caso esse desígnio não seja viável, ponderar uma ação de transformação sem perda de identidade. Este é um desafio que ao longo do tempo se vem colocando, sistematicamente, à UC, um estímulo que na maior parte das vezes tem sabido controlar danos, preservar tradições, permitindo a esta ser timoneira na produção do conhecimento. Respeitar a história, valorizar o património e oferecer um futuro otimista é aquilo que se espera como o papel mais importante a desempenhar pela arquitetura.

³ Di Stefano, Roberto, *Il recupero dei valori. Centri storici e monumenti limiti della conservazione e del restauro*, Edizioni Scientifiche Italiane, Nápoles, 2003, p. 31.



A Porta Férrea

da Universidade de Coimbra

MARIA DE LURDES CRAVEIRO *
LUÍSA TRINDADE **

A Porta Férrea da Universidade de Coimbra (UC) constitui a entrada de aparato que dá acesso ao Pátio das Escolas, retirando o seu nome da grade de ferro que fecha o vão, e cujos batentes estão datados de 1640. Erguida no reitorado de D. Álvaro da Costa (1633-1637), desde o projeto (1633) do arquiteto António Tavares, a sua construção foi acompanhada pelo empreiteiro Isidro Manuel que a rematou em 1634, como consta em cartela na face exterior da Porta. A documentação até agora publicada permite, assim, a identificação do projeto e da responsabilidade construtiva ao mais alto nível na cidade. António Tavares, mestre das obras na cidade desde 1629 e mestre das obras da Universidade de 1642 em diante (“por ser pessoa inteligente, e comuir muito a Universidade auer pessoa bom official e que entenda bem das obras”), tem uma atividade que se estende até 1656, assumindo um comprometimento com espaços tão significativos para a cidade e para a Universidade, como o mosteiro de Santa Clara-a-Nova ou a reconstrução da Sala dos Capelos². Isidro Manuel, em 1628 considerado “o melhor mestre de obras que avia na terra”³, assumia, em 1633, a empreitada que compreendia a Porta Férrea, as escadas que a norte se erguiam para dar acesso às casas do reitor, a reconstrução da vizinha capela do Colégio de S. Pedro, o novo portal da entrada com ligação a Santo António da Pedreira (com desenho seu) e mais obra na cadeia da Universidade⁴.

Documentação inédita⁵ possibilita agora a atribuição da escultura avulsa que preenche a Porta ao escultor de Águeda Manuel de Oliveira. Até hoje com um único trabalho conhecido, a Senhora da Conceição no plano superior do portal da igreja da Misericórdia de Aveiro, executada em 1654⁶, a Manuel de Oliveira pode assim ser acrescentada a obra, tomada de empreitada a Isidro Manel, das “oito figuras pera a porta desta Universsidade que se fes de novo e como estam postas e acabadas (a 17 de abril de 1635) como vem a saber. duas Universsidades e dous Reis figuras del Rei dom Diunis e del Rei dom Joam, ha figura de Canones, ha de theologia, ha de Leis e medissina em presso e quantia de dezassete mil reis... pela trasa que lhe foi dada ... ele suplicante as fes a rogou do Senhor doutor Marsal Cazado assistente da obra”⁷. Ainda no rasto das lições quinhentistas lançadas em Coimbra, quanto ao tratamento anatómico e à proporção, diluía-se aqui uma dimensão humanista mais intransigente e a escultura ganhava a projeção vertical e espiritualizada que ia também assumindo noutros formatos e noutros materiais. Ao corpo escultórico da Porta Férrea pertencia a clareza da narrativa que ia, nem mais nem menos, ao encontro de uma retórica de autoridade e poder. Isso mesmo se expressa também pela complementaridade pictórica que acompanha o trabalho pétreo, e cuja extensão é hoje de muito difícil recuperação. E dessa irradiação de brilho da estrutura emblemática da Porta dá igualmente conta o douramento a que a figura da Universidade foi sujeita em 1635, pelo pintor Francisco da Fonseca⁸.

1 GARCIA, Prudêncio Quintino, *Documentos para as biografias dos artistas de Coimbra*, Coimbra, 1923, p. 288.

2 CRAVEIRO, Maria de Lurdes, *O Renascimento em Coimbra. Modelos e programas arquitetónicos*, Tese de Doutoramento polic., Coimbra, FLUC, 2002, pp. 545-546; RUÃO, Carlos, “A Porta Férrea ou a Joyeuse Entrée”, *Monumentos*, n.º 8, Lisboa: DGEMN, 1998, pp. 28-29; CRISÓSTOMO, João Miguel Lameiras, “O Teto da Sala dos Capelos”, *Monumentos*, n.º 8, Lisboa: DGEMN, 1998, pp. 41-47.

3 ALMEIDA, Manuel Lopes de, “Acordos do Cabido de Coimbra”, P. II, *Arquivo Coimbrão*, vols. XXVII-XXVIII, Coimbra: Coimbra Ed., 1980, p. 161.

4 ALMEIDA, Manuel Lopes de, *Artes e ofícios em documentos da Universidade*. Século XVII, T. I, Coimbra, 1970, pp. 187-194.

5 Resultante da investigação levada a cabo pelos estudantes Manuel Marques Inácio e Catarina Teixeira, no âmbito do trabalho escolar para a disciplina de Temas de Arte Religiosa, do Mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural da FLUC, no ano letivo de 2014-2015.

6 NEVES, Amaro, *A Misericórdia de Aveiro nos séculos XVI e XVII*. “A mayor do mundo, pois o he do Reyno”, Aveiro: Santa Casa da Misericórdia de Aveiro, 1998, p. 219.

7 AUC: Cx 2 IV-1^aE-10-1-2, fl. 93.

8 “Dis Francisco da Fonseca pintor que ele pintou e dourou o que lhe mandou o Senhor Reitor que foi a figura da Univercidade que esta sobre a

Toda a obra dava-se, finalmente, por concluída em novembro de 1635, quando foi sujeita a avaliação pelos mestres pedreiros Sebastião Manuel e Manuel Gaspar⁹.

A Porta Férrea é muito mais do que uma estrutura funcional de acesso à Universidade. Reconfigurando a antiga entrada no Pátio das Escolas, herdeira do Paço islâmico e já posicionada no bloco oriental que seria alvo da grande intervenção nos períodos manuelino e joanino, a entrada principal do Pátio era ladeada por dois fortes cubelos que as representações gráficas do século XVI ainda mostram. De cada lado, e acompanhando os diferentes usos do edifício, confrontou, a norte, com os aposentos do príncipe, os aposentos do reitor, as casas do Concelho e da Fazenda e, finalmente, com a Reitoria; a sul, o bloco oriental acolheria sucessivamente os apartamentos dos oficiais, os alojamentos de escolares e mestres e o Colégio de S. Pedro que para aqui foi transferido em 1574¹⁰.

Criadas as condições que permitiram a compra da estrutura do grande quadrilátero a Filipe II em 1597, o Paço Régio transformava-se, então, com propriedade, no Paço das Escolas. A Porta Férrea, articulando-se também com a estrutura de arcaria quinhentista que com ela se alinhava, a norte e a sul nos pisos térreos (e que as sucessivas sondagens ao longo dos séculos XX e XXI permitiram recuperar), seria a grande realização que ostentava, finalmente, a consciencialização (no interior do Pátio e para o exterior) do novo significado do edifício. Do velho reduto fortificado, a que os dois cubelos na entrada davam expressão e sentido, surgia agora a projeção do serviço público ao mais alto nível e conjugando, na âncora do conhecimento, a relação intrínseca entre o sagrado e o profano. Dessa efetiva mudança, dará conta a nova organização compositiva que integra um programa iconográfico alusivo às Faculdades, aos reis fundadores e à Sabedoria. Definida à maneira retabular com dois espelhos que ordenam os formulários clássicos, a Porta apresenta, na face exterior, as figuras da Lei (onde a última intervenção recompôs a face danificada) e a Medicina (a mais deteriorada); nos planos superiores, o rei D. Dinis (que a iconografia representa com a cruz da Ordem de Cristo, fundada com o seu apoio e proteção) e, rematando o discurso, a alegoria à Universidade. Do lado oposto, são as Faculdades de Teologia e Cânones que se alojam nos nichos inferiores e têm sequência em leitura

porta. E toda ela dourada e honde gastou muito ouro porque foi feito em hua escada, e o vento o levava todo: iuntamente hua grade de ferro dourada e pintada a oleo de vermelho fino...”: AUC: Cx 2 IV-1^aE-10-1-2, doc. 109.

9 AUC: Cx 2 IV-1^aE-10-1-2, doc. 80.

10 PIMENTEL, António Filipe, *A Morada da Sabedoria I. O Paço Real de Coimbra: das origens ao estabelecimento da Universidade*, Coimbra: Almedina, 2005; ROSSA, Walter, *Diversidade. Urbanografia do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade*, Tese de Doutoramento polic., Coimbra, FCTUC, 2001; DIAS, Pedro, *A arquitetura de Coimbra na transição do gótico para a renascença. 1490-1540*, Coimbra: Epartur, 1982, pp. 68-94.

vertical preenchida pelas representações de D. João III¹¹ e, novamente, a Sabedoria. O retábulo que assim se organiza, convocando essa dimensão de sacralidade no diálogo estabelecido entre o temporal e o espiritual, integra, dentro dos ingredientes clássicos preenchidos com os querubins em geografia calculada, a chancela do sagrado que sustém e credibiliza os saberes e a instituição que os tutela. O tratamento da figura da Universidade, onde não faltam os atributos do livro com a peneira e do mocho, faz-se representar coroada e com cetro rematado por um dos mais icónicos emblemas do régio poder, a esfera armilar, jogando na ambiguidade entre a Sabedoria e a Senhora, Rainha do Céu.

O acentuado decorativismo de que, nem a Universidade nem a cidade ainda prescindem avançado o século XVII, também expressa bem, não um qualquer sentido retrógrado e avesso às posições mais “chãs” que dominam nesta altura a filosofia construtiva da generalidade do país, mas antes a manutenção consciente do pacto com a herança humanista, alimentada pelo mosteiro de Santa Cruz e pelas Escolas, e com a reiterada sedução pelas lições que João de Ruão tinha fixado para a cidade. Não ao acaso, a racionalização do programa, a que conduzem as regras de simetria e proporção nesta leitura ascensional, acolhe ainda os indicadores de um mundo mágico e perturbador como as máscaras (a maior parte das vezes retiradas da gravura nórdica que circula abundantemente em Portugal) que rematam superiormente as aletas, tal como, por exemplo, era exposto na campanha de obras que decorreu quase em simultâneo na sacristia do mosteiro crúzio.

O conjunto aposta, enfim, na organização de um duplo arco triunfal que extrai da Antiguidade Clássica os significados, em simultâneo, de vitória, celebração e regeneração. A estratégia assim definida reivindica para a Porta Férrea um sentido iniciático que se reforça no ato de atravessamento pela cobertura abobadada com 42 caixotões cruzados e é acompanhada pelos frisos ornados, mais uma vez, de querubins e motivos clássicos e vegetalista. A perspectiva de axialidade remetida para o percurso do exterior, e já intuída na gravura quinhentista de Hoefnagel, teria um desenvolvimento no futuro que haveria de culminar nas obras do Estado Novo e na realização calculada da grande avenida do Saber que parte das escadas de Cottinelli Telmo e desemboca, finalmente, na Porta Férrea e no recinto sacralizado do Conhecimento. E, já nas palavras de Nicolau de Cusa, “porque por nenhuma outra via que não seja a dos símbolos é possível aceder às coisas divinas, poderemos então recorrer aos signos matemáticos como os mais convenientes por causa da sua incorruptível certeza”¹².

11 Francisco Franco retomaria, no século XX, a mesma estratégia propagandística com a realização das esculturas dos reis: D. Dinis colocado no acesso ao recinto da Universidade e D. João III na interioridade recatada do Pátio das Escolas.

12 CUSA, Nicolau de, *A Doutra Ignorância*, Lisboa: FCG, 2008, p. 25.

A campanha de intervenção a que a Universidade submeteu recentemente a Porta Férrea obedeceu a uma preocupação de salvaguarda patrimonial e permitiu a captação mais circunstanciada das regulares atuações a que foi sendo sujeita. Documentalmente, as primeiras notas registadas (em finais de 1727, e a menos de um século após a sua conclusão) referem o trabalho na pedreira de Portunhos e o transporte de várias carradas de pedra para o “*concerto do arco da porta Ferria*”¹³. A 24 de janeiro de 1728, Gaspar Ferreira assumia “*fazer a obra q nescita fazerse no arco da porta ferria desta und’ em preco e coantia de sem mil reis na forma dos apontam^{tos} q pera ico tinha feito e por elle assignados...*”¹⁴. Não é possível determinar com exatidão a extensão desta reforma que nasce da necessidade do “*concerto*” da estrutura, mas a observação dos elementos formais e decorativos que acompanham a abóbada de berço levantam a suspeita de uma intervenção forte, que se entregava então ao mestre de obras e arquiteto mais credenciado na cidade.

Os registos de despesa da Universidade ao longo do século XX também não são mais explícitos: a 2 de março de 1911 indicase o pagamento por “*Concerto na porta ferrea e em fechaduras*”; a 31 de outubro de 1912, por “*Restauração da porta ferrea, Reforma do seu portão de ferro e concertos*”¹⁵. A documentação proveniente da ação da DGEMN sobre a Universidade e a Porta Férrea (e divulgada pelo SIPA) é mais generosa. Nela se dá conta dos restauros efetuados por Bernardo Teles, em 1949, que envolvem o trabalho de cantaria em pedra de Portunhos, “*de aparelho moldurado em frisos, pilastras, capiteis e nervuras da abobada na porta ferrea incluindo o arranque das pedras a substituir...*” e o levantamento dos pavimentos de mosaico da Porta Férrea. Parece claro que a estrutura mais frágil e a que ofereceu maiores cuidados foi a parte interna e, por isso mesmo, a que sofreu maior caudal interventivo, cujos efeitos são hoje bem visíveis a quem faz o percurso crítico e atento da travessia, agora potenciados pela última intervenção, com outro fôlego técnico e mais amplo enquadramento conceptual no que às teorias de conservação e restauro diz respeito.

* Professora na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (UC)/Investigadora do Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património da UC

** Professora na Faculdade de Letras da UC/Investigadora do Centro de Estudos Sociais da UC

13 AUC: IV-1^aE-1-2-3, maços de novembro e dezembro.

14 ALMEIDA, Manuel Lopes de, *Artes e ofícios em documentos da Universidade. Século XVIII (1726-1753)*, T. III, Coimbra, 1974, p. 49.

15 AUC: IV-1^aE-10-2-13.



"A UC não pode querer ser património da Humanidade e não estar atenta aos valores imateriais do património"

António Filipe Pimentel

Académico e historiador de arte, António Filipe Pimentel é diretor do Museu Nacional de Arte Antiga (MNA) desde 1 de março de 2010. Desde que assumiu a liderança deste museu, foi ouvido como voz controversa e desafiadora, tendo sido responsável pelo lançamento inédito de campanhas públicas para a angariação de fundos para adquirir novas obras para o museu, renovação de várias galerias, e realização de parcerias com privados para a realização de exposições internacionais. Em janeiro de 2019*, anunciou a saída desta instituição, alegando "falta de condições, de recursos humanos e a ausência de uma filosofia da tutela que apoiasse o MNA". Dirigiu, anteriormente, o Museu Grão Vasco, em Viseu, e foi ainda pró-reitor da Universidade de Coimbra (UC), com competências na área do Património, entre 2007 e 2009, cargo único até à data. Tendo integrado, na mesma altura, a Candidatura da UC a Património Mundial (UNESCO), reforça, hoje, a importância da valorização do património enquanto fator mobilizador, e a responsabilidade acrescida da UC na criação de uma cultura e de uma pedagogia renovadas.

* Entrevista realizada antes do anúncio da saída de António Filipe Pimentel, enquanto diretor do MNA.

MARTA POIARES

Cinco anos depois de a UNESCO ter reconhecido a Universidade de Coimbra, a Alta e a Sofia como Património Mundial da Humanidade – candidatura da qual fez parte –, que balanço faz? É-me difícil fazer um balanço, visto que não estou no terreno e que me faltam muitos dados. Globalmente, não me parece que tenham sido cinco anos especialmente bem aproveitados. Vejo projetos que estavam em linha que não foram realizados como, por exemplo, a adaptação da Sala dos Capelos pelo arquiteto Alexandre Alves Costa, importante para a sobrevivência do cerimonial académico. Chegam-me, também, notícias preocupantes do Museu da Ciência, do Laboratório *Chimico*, e do seu serviço de educação. Posso estar a ser injusto, mas o *élan* que se quis fazer com a candidatura da Universidade de Coimbra (UC) a património da Humanidade não se fez no sentido que importava fazer. O significado do património da UC é inquestionável; ser classificada como património da Humanidade é uma chancela que poderá funcionar mais do ponto de vista da agenda turística, embora com o problema de reter o visitante por mais do que umas horas. É preciso tirar partido da diferença de Coimbra, e que é muito importante no que diz respeito ao próprio posicionamento no *ranking* das universidades. Mas, para isso, é preciso entender o património. A conservação, a preservação, e o estudo e investigação, são essenciais. Não por si mesmos, porque o património representa algo que morreu, mas porque ele é dinâmico e está a ser construído no quotidiano, neste exato instante. Ele releva para a construção do futuro. E uma universidade é sempre algo que aposta no futuro, na produção de novo conhecimento, nas novas gerações.

O património é, muitas vezes, visto como um ónus?

Sim, muitas vezes é assumido como algo que exige uma conservação sempre mitigada nas franjas dos orçamentos. E não deveria ser mobilizado como tal. Era muito melhor se

fôssemos a Universidade de Aveiro, completamente nova. Mas o posicionamento estratégico da UC tem de vir precisamente de uma associação harmónica das duas dimensões: ser uma universidade de vanguarda, do ponto de vista da investigação e da produção do conhecimento, mas ser a universidade que, na sua vivência antropológica, faz toda a diferença pelo passado que representa. Aliás, é o estudo desse passado que mobiliza, por natureza, as áreas de investigação de ponta: a física, a química, a conservação, o restauro, o direito...

É esse passado a grande riqueza da UC?

É, e isso não me parece que esteja a passar, do ponto de vista pedagógico, para a comunidade científica. Hoje em dia, sobem-se as escadas monumentais e tem-se um sentimento de cenário deserto. Há algo que está a falhar. E isso é preocupante. Estamos a utilizar a força reprodutora do turismo num sentido predatório. É preciso pensarmos que os turistas não vêm só deixar dinheiro. Exercem pressão, desgastam. E nós estamos a usá-los apenas como uma fonte de rendimento alternativa, sem reinvestimento próprio.

Não há turismo de qualidade?

Também, mas não só. O rendimento do turismo não está a ser reinvestido na requalificação do edifício. Esta questão não está resolvida nem no seu sentido físico: não se consegue perceber a história da UC, tendo em conta que o seu edifício continua em propriedade horizontal, com cada um dos seus elementos erodindo o espaço de domínio a um domínio comum. Daí a importância do cerimonial universitário – este significa um momento de agregação, onde a escola se sente, ela própria, enquanto comunidade. Quando estamos numa Abertura Solene das aulas a ouvir a oração de sapiência em física quântica, percebemos quão extraordinariamente importante pode ser que alguém da Faculdade de Letras, por

exemplo, preste atenção, por uma hora, a outro trabalho que está a ser feito na Faculdade de Ciências. Ou vice-versa. Outro dos aspetos que não está resolvido é exatamente esse: nos momentos em que há cerimónias académicas, o turismo não tem de ser interrompido – pode ser redirecionado para ver o cortejo cerimonial. Esses dois mundos poderiam e deveriam, em Coimbra, funcionar ativamente, e não funcionam. Aliás, o que mais me espantou foi a extinção do cargo de pró-reitor da Universidade para o Património. Fui o único.

O que atualmente, na sua opinião, não faz sentido.

Pode haver muito trabalho a ser feito que eu desconheça e posso, por isso, estar a ser injusto. Mas há algo que me parece objetivo: o trabalho que estiver a ser feito, está a ser feito com tal lentidão, que cinco anos depois ainda não se nota. E o tempo...

...não espera?

O tempo não passa duas vezes no mesmo relógio. Temos de o aproveitar.

Em 2009, ainda antes de a candidatura ser aceite, dizia que haveria uma transfiguração global da cidade após uma transformação na requalificação do casco histórico de Coimbra, com ações de reabilitação global e intervenções contemporâneas. Cumpriu-se, pelo menos, uma parte?

Uma parte, sim. Mas a cidade continua com uma dificuldade crónica em criar uma harmonia conjunta entre a Câmara e a Universidade, como se fossem duas realidades diferentes. Coimbra é uma metáfora de Portugal. A relação somática que os portugueses têm com Coimbra tem muito que ver com a relação somática que temos connosco próprios. Bolsas de sociabilidade da cidade, como era, por exemplo, o Parque Verde, estão inutilizadas. E isto é extremamente importante, pois da sociabilidade nasce energia criativa. As pessoas encontram-se, trocam projetos, nascem ideias. E o grande problema de Coimbra é que, como é uma cidade de universitários e de serviços, as pessoas vivem tendencialmente absorvidas no seu próprio trabalho. São compelidas a isso. Não existe cosmopolitismo numa cidade que não se habitua a sair de casa.

É algo endógeno?

Não é de sempre, isso é certo. A cidade já teve esse cosmopolitismo. A avenida Afonso Henriques, por exemplo, era ponto de passeio de todas as famílias, a seguir ao jantar, nas noites de verão. Onde se faz isso, agora?

E, claro, existem outros sinais. Por exemplo, o Círculo de Artes Plásticas renasceu, a Bienal Anozero de Coimbra aconteceu... A arte contemporânea tentou puxar a cidade para o mapa, mas não existe uma política integrada. E a política tem de ser definida por alguém de cima. Portanto, pela Reitoria e pela Câmara. Não há possibilidades de substituição neste plano estratégico. Os agentes individuais vão fazendo cada um por si, mas quem desenha os planos estratégicos é sempre quem governa.

Há uma desunião.

Sente-se isso. E há outro aspeto profundamente letal, que é o envelhecimento biológico. Estamos a falar de uma escola que, como todas as escolas, está com uma dificuldade enorme de recrutamento de novas pessoas. Enquanto o problema da abertura das carreiras não for resolvido e enquanto não se quebrar o vício endogâmico da instituição, teremos uma estrutura cada vez mais conservadora.

Existe, também – e focando no património material –, um descuido. A Diretora Regional de Cultura do Centro, Celeste Amaro, alertou, ainda há pouco, para a vandalização dos espaços. Tanto dos monumentos nacionais como do espaço classificado. É preciso perceber que a classificação traz uma responsabilidade. Quando candidatam um bem, têm de o candidatar pelo seu valor. E com um plano de gestão, para garantir a boa preservação do espaço. É esse plano de gestão que não estará a funcionar tão bem.

Acha que há uma ausência de consciência coletiva sobre a preservação do património?

Claro.

Falta (de) sensibilidade?

Ora bem, existem duas coisas. Tem de existir policiamento, pois os espaços são ermos e prestam-se a ser usados pelas franjas mais predatórias. Infelizmente, estes são problemas graves da própria sociedade, que transcendem a capacidade que a Reitoria possa ter de fazer o que quer que seja. Isso contraria-se – não sei se se resolve – pela integração social, pela conservação da vida nos centros históricos. Se os centros históricos tiverem vida, têm pessoas que os habitam. Se estão ermos, são território de tudo aquilo que possa acontecer – e isso só se resolve, não com pedagogia, mas com policiamento. Do ponto de vista pedagógico, ou mantêm o lugar impecavelmente limpo e depois admoestam ou punem quem estraga um bem que é de todos, ou não se pode estar à espera de outra coisa se não que o repitam. Se as pessoas não sentem o património como seu, como o podem proteger? Nem quem faz a “escrita vandálica”, como lhe chamava (e bem) o Paulo Varela Gomes, percebe que está a agredir aquilo que é seu.

A universidade é o terreno lógico onde se deve ensinar essa valorização? Essa pertença?

A universidade tem a obrigação moral de o fazer. Não pode assumir-se apenas como uma escola de ciência, sob pena de ser indigna do património que lavrou.

É necessário educar para olhar com olhos de ver.

Claro que é. E é possível, porque a prova está feita. Nem toda a gente é incivilizada. Mesmo em Portugal. Só que essa educação é muito mais feita em casa do que na escola. E essa diferença nem sequer é democrática, porque tem que ver com a condição em que cada um nasceu, da qual não somos responsáveis. Portanto, a escola como estrutura central de um estado democrático tem a obrigação de fazer a pedagogia da intervenção cívica, da mobilização coletiva.

É importante mostrar, também, que o património, além de um ativo cultural, é um ativo do país?

É um ativo cívico. A questão é essa. E se tivermos em linha de conta que mobiliza todo um conjunto de áreas profissionais, percebemos que a sua contribuição para a economia é transversal. Neste aspeto, nós, Europa, estamos confrontados com o mesmo desafio de Coimbra: temos de perceber que a nossa história não é um ónus que nos pesa sobre os ombros, mas sim o que nos singulariza no mundo. Sendo que nós somos gente contemporânea. Estamos aqui, hoje, a trabalhar este passado, não a preservá-lo como sacerdotes do Templo de Delfos, mas como gente contemporânea que pensa, que realiza, que intervém, que interfere, que conserva, que cria. O passado interessa por isso, porque de outra forma, só nos chateava. Como o nosso próprio passado de memórias.

Dizia Fernando Nogueira, presidente da Fundação Millennium BCP, também numa entrevista para a *Rua Larga*, que é preciso conservar para existir – e perdurar.

Nós somos memória e memória crítica. Não somos armazéns de dados. Somos a permanente reelaboração que fazemos das nossas próprias memórias. Do que fomos, do que fizemos, da nossa infância, da nossa relação com o meio, com a família, com a escola, com as relações afetivas. Estamos em permanente diálise. Estamos sempre a fazer esse exercício de autorreflexão sobre essa bagagem de memórias que vamos construindo. Uma nação ou uma comunidade não são mais do que isso exponenciado coletivamente. E as nossas memórias deixam traçados físicos. Temos essa necessidade de nos tocarmos, de tocarmos objetos, de vermos o acetinado das coisas, a beleza.

A beleza é fundamental?

Claro, porque a vida é penosa. Mas não significa que seja dramática. É muito interessante. Tem é de ser vivida com a perspetiva de que a taxa de esforço vai crescer. Cada vez mais, ao longo do tempo. E é nessa altura que precisamos de pausas de respiração. E a arte e a beleza dão-nos essa pausa. Distraem-nos na contemplação. O que significa que, num contexto estritamente económico, a importância da cultura releva pela sua capacidade de manter ativo o esforço da comunidade.

Há pouco estava a falar da questão do turismo em Coimbra, mas a reabilitação do património não tem de estar obrigatoriamente ligada ao turismo – não numa perspetiva utilitária. Claro que não. Deve ser feita por natureza. Porque o património é a nossa pele e deve estar reabilitado. É o indicador da nossa saúde. Exatamente como a nossa autoestima. É evidente que, a inteligência está em utilizar tudo o que possa ser rendável, porque a questão do turismo, mais do que o efeito direto que dá no encaixe financeiro, é o efeito económico que dá na reprodução da marca. Ora, em Coimbra, estamos num território concorrencial que nada tem que ver com aquele em que a Universidade foi formada, há mais de sete séculos. E, portanto, a UC, se quiser sobreviver, tem de perceber que não há nada que dure para sempre.

Há quem julgue Coimbra eterna?

Não há nada que seja eterno. A eternidade faz-se todos os dias, construindo-se.

Relativamente ao Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), de que é diretor, fala-se muito de si como alguém que trouxe modernidade. Em 2012, levou o Museu para a Praça Central do Centro Comercial Colombo, com duas exposições; em 2015, para as ruas do Chiado, Bairro Alto e Príncipe Real, com a *Coming Out – e se o museu saísse à rua?*; no mesmo ano, para as bocas do mundo, com a campanha de *crowdfunding* ligada a Domingos Sequeira... São casos em que a montanha vai a Maomé?

Sim, porque hoje em dia é fundamental sair da Acrópole e ir ao encontro das pessoas. É exatamente o que Coimbra precisa de fazer.

As parcerias do MNAA com privados têm sido algumas. São essenciais?

Tem sido um trabalho extenso. E é desenvolvido, evidentemente, pela necessidade de angariação de meios, mas sabendo tirar daí o lado bom, que, neste caso, é o de romper o casulo operativo. O Museu, em primeiro lugar, é uma instituição pública. Depois, tem responsabilidades cimeiras na sua área. E, por fim, vivemos num estado democrático. Não estamos a falar da coleção privada dos conservadores ou do diretor. Temos de cumprir uma função social. E essa função leva-nos a ser como os Jesuítas, e não como as Carmelitas, que estão na clausura (risos). Temos de evangelizar. Cada projeto que desenvolvemos obriga-nos a integrar-nos noutras equipas, com outro modo de pensar – o que nos faz bem a nós e lhes faz bem a eles.

A presença do Museu num centro comercial como o Colombo acabou por ser uma espécie de *case study*?

Foi bom para perceber como é que as pessoas reagem à presença do Museu lá. Se reconheciam, se não reconheciam, o que ia acontecer. E não só as pessoas reconheceram, como procuraram. Foram 118 mil visitantes.

Em seis meses. Espantoso.

E foi só um teste. Teria sido impossível fazer, depois, a campanha de *crowdfunding* do [Domingos] Sequeira, se as pessoas não soubessem o que era o MNAA. E a verdade é que, hoje em dia, toda a gente ou já cá passou, ou sabe que é um sítio a vir. E isso não acontecia. As pessoas tinham com este Museu a mesma relação que têm com a Torre do Tombo ou com a Biblioteca Nacional. São sítios importantes “para as pessoas que gostam destas coisas”.

Há um grande trabalho de pedagogia pela frente, ainda.

Enorme. O meu barbeiro, que é um barbeiro de bairro e é um tipo novo, perguntou-me, um destes dias, se qualquer pessoa podia entrar no Museu. A verdade é que este sentimento existe. Aliás, na *Coming Out – e se o museu saísse à rua?*,

quando roubaram as obras, achei a maior das piadas. É o sentimento de que todos somos gente. Todos temos direito à arte e à beleza nas nossas ruas. Não é só Lisboa. Bem, é claro que somos apenas um Museu com os seus projetos, não temos de fazer a política nacional que deverá ser feita pelo Ministério. Mas esse sentimento existe. As periferias existem. E se o nosso esforço tem de ser no sentido de manter as periferias no centro, não segregando, que seja.

Essa capacidade de sedução, traduzida em maneiras de inovar para atrair todo o tipo de públicos, é um trabalho diário? É uma preocupação constante do Museu, mas não se faz como uma cruzada. Não dependemos disso, mas é um dos aspetos da nossa missão. Faz parte do dever moral de uma instituição pública justificar-se nesse sentido. E isso tem de ser resolvido a montante. Não podemos ter um país onde o Ministério da Cultura e o Ministério da Educação, por exemplo, trabalhem de costas voltadas.

Somos um país com défice cultural?

Gritante. E, depois, também não existe estratégia para o turismo em Portugal. Estamos a matar a galinha dos ovos de ouro, uma vez mais, por ausência de estratégia. Este fenómeno de Portugal estar na moda é perigoso, porque tem o seu lado conjuntural, consequente do encerramento de outros mercados e de um bom posicionamento, com o qual vem um selo de visibilidade. Mas o problema é: que visibilidade? Que selo? Estamos transformados num território agradável, que está na moda, pela relação preço/qualidade, bondade do clima, gastronomia e até o modo reservado dos portugueses, que é muito útil para quem vem para cá viver. Porque vêm habitar o país, mas vivem na sua colónia. Não se integram. Nem aprendem a falar português. Isto é normal – afinal, que tem o país de atraente além daquilo que enunciei? Se não tem ópera, se não tem exposições, se não tem vida cultural que não seja periférica? Todo o nosso turismo – e todo o discurso que lhe é inerente – insiste apenas nesses territórios: da benignidade do clima, do bem que se come, do simpáticos que somos. E isso é perigoso, porque existem outros países no mundo que são igualmente agradáveis. Toda a noção de desenvolvimento exige um desígnio, uma estratégia de longo prazo. Não pode ser deixada nas mãos dos agentes individuais. Estes cumprem o melhor que podem (e têm feito muito pelo país), mas não precisam de semear para amanhã – têm de ter hoje. O Governo e o Estado é que têm de pensar no amanhã.

Há um desinvestimento do Estado na área cultural?

Tem de haver meios, mas insisto: tem de haver, sobretudo, estratégia. Tem de haver um desígnio e uma estratégia de hierarquização de prioridades, que não há.

Quando tudo é prioridade, nada se resolve?

O trabalho feito neste Museu é exatamente sobre isso. Porque se há instituição que sofre com uma desproporção total entre a sua missão e os meios que tem é este Museu. Mas criou uma estratégia. Um caminho. E este tem sido

prosseguido até ao limite. A não ser que uma pessoa tenha tão pouca ambição, que fique muito contente com os meios existentes, estes nunca chegarão. Estamos sempre a hierarquizar.

Já passaram oito anos desde que assumiu a chefia do Museu. Com essa falta de meios de que dispõe, é uma revolução em marcha?

A revolução está em marcha no sentido da perceção da instituição, da performance, de tudo o que a faz hoje e não fazia. De vários pontos de vista: da produção de conhecimento, do restauro, da investigação científica das novas obras por aquisições, doações, depósitos, etc. Até a própria renovação física do Museu. Esse é o desígnio revolucionário. O mais insólito é que seja feito com a ausência de meios que refere. Mas é feito, também, como um exercício pedagógico para mostrar o que se pode fazer.

E contrariar, também, aquele sentimento de desesperança que se vive no meio museológico? Ou não há uma espécie de cultura anímica de que não vale a pena fazer nada, porque tudo está já decidido?

Não sei se vale ou não vale a pena fazer. O futuro o dirá. Fez-se. Demonstrou-se que era possível fazer-se. Mas não sei se os meus colegas não terão razão.

O MNAA não tem mecenato direto. Não tem, sequer, identidade fiscal.

O Museu existe, apenas, enquanto entidade jurídica e moral. Isto é, jurídica e moralmente, somos uma instituição reconhecida em todo o mundo, interlocutores de todos. Toda a gente sabe quem somos. A única instituição que não sabe quem somos é o Ministério das Finanças. Por isso, na verdade, não existimos.

Isso faz com que, entre outros aspetos, o Grupo de Amigos do Museu seja essencial?

Com certeza. Toda a operacionalidade depende deles. Nós não podemos dar um passo, porque não há passo que não tenha uma carga administrativa associada.

Burocrática

E financeira.

E morosa, acima de tudo.

Claro. Portanto, entre o lado moroso administrativo, a impossibilidade de fazer acontecer as coisas, e a inexistência dos meios financeiros para o fazer... é um nó górdio. O Museu tem de justificar a sua existência, como se tivesse sido ideia sua criar-se – e não tivesse sido o Estado a criá-lo com uma missão. Mas depois esqueceu-se de o dotar para o cumprimento dessa missão, como faz com as escolas, as universidades, os tribunais, os hospitais. E que, na verdade, é sustentada na sua operacionalidade pela sociedade civil. Porque o Grupo de Amigos do Museu é a única associação que permite que o mecenato apoie diretamente uma exposição. Isto é letal. Sobretudo, porque o mecenato é, também, o envolvimento da responsabilidade social. É o abrir mais. É o alargar o círculo de ação do Museu.



Há uma frase de Mía Couto que diz “O Mar foi ontem o que o Património pode ser hoje, basta vencer alguns Adamastores”. Que Adamastores é que faltam vencer?

É uma boa pergunta. Há um Adamastor adormecido dentro de nós, transversal à sociedade e ao país, que tem que ver com o grande défice cultural e com o império do que se considera urgente. Há uma crise das elites portuguesas, que foi profundamente agravada com o liberalismo, com o século XX, etc. Para ser elite, é preciso ter um espírito de missão e de corpo. Um desígnio coletivo. O resto são simplesmente pessoas ricas, cumprindo o seu próprio desígnio pessoal e egoísta. Ao não fazer parte de um corpo, não são uma elite. Ninguém está a falar de uma cruzada religiosa. Mas todos estão envolvidos na noção do bem comum. Há um sentido de que há um retorno à sociedade. Esse é que é o lado importante do sentido de elite.

E existem elites em Portugal?

Não, porque foram destruídas sucessivamente. E, portanto, não existe escola, não existe a luz de que as pessoas se devem aproximar. E que modelam e que faz com que subam uns degraus suficientemente devagar para irem adquirindo sabedoria nessa ascensão. Estamos assim, porque temos baixa autoestima, porque não acreditamos em nós e, como tal, não tratamos do nosso património. E ao não tratarmos do nosso património...

... não tratamos de nós.

Uma coisa é certa: estamos doentes. E essa doença só se contraria, e só se curará, com a criação de uma nova cultura e de uma nova pedagogia. E precisamente por isso é que a escola, a universidade, tem uma responsabilidade central neste domínio. Sobretudo, uma universidade como a de Coimbra, com a componente patrimonial que tem. Uma universidade como a de Coimbra tem, em Portugal, responsabilidades maiores. Não pode querer ser património da Humanidade e não estar atenta aos valores imateriais do património, que são exatamente estes da cultura e de semear as gerações futuras.

D A T R O I K A A L E S L I E

VÍTOR MURTINHO *

Em história, sempre que se pretende definir um determinado período, existe a tentação de encontrar algum acontecimento relevante que de modo congruente ajude a definir e a estabelecer um marco ou uma baliza. No contexto do atual reitorado, que se estendeu por dois mandatos consecutivos, os pontos marcantes são dois fenómenos extremos cujo impacto não se circunscreveu à academia coimbrã. O primeiro, e que difere pouco mais de um mês relativamente ao início do mandato, foi o pedido de ajuda financeira do governo português à tríade definida pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), pela Comissão Europeia e Banco Central Europeu (BCE). Sendo este um acontecimento que marca definitivamente a história recente do país, gerou sobretudo um enorme constrangimento financeiro que condicionou, indelevelmente, toda a programação futura de obras na Universidade de Coimbra (UC). Nesse contexto, o desafio, mais do que olhar para as dinâmicas de manutenção, de reabilitação e de construção nova, foi, em primeira instância, garantir a sobrevivência da própria instituição, salvaguardando emprego e condições básicas de funcionamento. Assim, a grande prioridade era assegurar a continuidade, sem perturbação dos grandes estaleiros que se haviam iniciado algum tempo antes, como a requalificação do Pátio da Universidade e das Escadas de Minerva, a execução da fase de acabamentos da Subunidade III para a Faculdade de Medicina da UC e os trabalhos de demolições e de consolidação estrutural no Colégio da Graça, na Rua da Sofia (fase I). Sobre estas obras pendiam prazos para concretização bastante curtos, pois muito determinada era a vontade governamental de desviar fundos para outros propósitos clientelares. Se no Pátio a situação se apresentava como facilmente controlável, subsistindo somente questões simples de arqueologia e a decisão do que fazer perante a “descoberta” de partes soterradas do antigo Observatório Astronómico, nos outros dois casos as questões afiguravam-se com maior complexidade. No Colégio da Graça importaria, após a conclusão de uma primeira fase de trabalhos, proceder à legalização de um projeto cuja abrangência se estendia para lá dos limites da

Universidade e dar início ao procedimento concursal para conclusão dos acabamentos do edifício; aqui, ainda existia eventual financiamento para a construção de um edifício em terreno que não era pertença da Universidade, e cujo custo se situava muito acima do seu valor de mercado, não sendo a sua compra considerado elegível para efeitos de participação europeia. Após muitos sobressaltos e inúmera diplomacia, concretizou-se a instalação parcial do Centro de Estudos Sociais e da totalidade do Centro de Documentação 25 de Abril, na Rua da Sofia, permitindo que a UC voltasse, de modo permanente, ao seu território de partida. Fazer o retorno a uma via que, pela sua especificidade, foi pensada, em tempos iniciais, para dar resposta à comunidade escolar que aí tinha de se instalar, decorrente da transferência definitiva da Universidade de Lisboa para Coimbra no século XVI. Na Subunidade III, verificava-se a necessidade de precipitar a posse administrativa por dificuldade de execução de uma empresa em crise profunda e, imediatamente, abrir novo procedimento que permitisse a assunção de compromissos com a entidade financiadora que, neste caso como no do Colégio da Graça, era o mesmo Programa Operacional de Valorização do Território (POVT). A conclusão deste edifício, e a posterior construção do Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses, permitiu a qualificação dos espaços da designada praça central do Polo III, com melhoria substancial do espaço urbano daquele local.

Um terceiro projeto, também financiado pelo mesmo plano operacional, era a reabilitação do Colégio de Jesus para instalação do Museu da Ciência. Este processo, ainda em situação muito embrionária de estudo prévio, rapidamente se demonstrou como sendo obra faraónica, pouco compatível com os constrangimentos orçamentais e prazos do processo, cujo valor final de custo seria sempre muito superior ao valor disponibilizado em candidatura. A esta circunstância acrescia a irreduzibilidade do POVT para aceitar objetivos mais comédidos e, ainda, sobre a circunstância de que a candidatura aprovada precisava de ter concluído processos de licenciamento, autorização camarária, projetos de execução e concurso de

obra. Tal encadeamento era pouco razoável ou compatível entre a conclusão desta extensa cadeia e os tempos pretendidos pela entidade financiadora.

Em paridade, um naipe de projetos com financiamento assegurado pelo Programa Operacional Regional do Centro (Mais Centro), de valor considerável, merecia especial atenção dado os riscos evidentes de rescisão devido à sua fraca ou inexistente execução financeira. Sendo vários os projetos com ambições muito díspares, o grande desafio foi proceder à sua execução, garantindo a prossecução dos propósitos iniciais e mantendo exequíveis todas as premissas, quer respeitassem a instalações ou a equipamentos científicos. Neste segundo estrito aspeto, o investimento foi superior à dezena de milhão de euros, sendo de destacar o supercomputador *Navigator* (HPCRING), o Laboratório do Fogo (FIRELAB) e as Plataformas Científicas que resultaram do aproveitamento de um conjunto de intervenções dispersas no edifício dos departamentos de Física e de Química. No caso da da supercomputação, esta intervenção foi complementada por uma reabilitação profunda dos espaços dos serviços técnicos e de armazenamento de dados, possibilitando a necessária modernização daquela área localizada no piso inferior dos departamentos de Física e de Química, virado para a Rua do Arco da Traição.

Centralizando a síntese no campo mais balizado pela parte relativa aos edifícios, importa referir que houve sempre o desenvolvimento de uma política articulada com os responsáveis das unidades orgânicas, permitindo a implementação de obras e ações de reabilitação muito direcionadas para a resolução de problemas crónicos, permitindo a melhoria do conforto, da qualidade dos espaços e que nem sempre tiveram impacto visual direto sobre os utentes. Existindo um discurso consistente no sentido da qualificação de espaços, são dignos de referência os notórios e sistemáticos melhoramentos desenvolvidos pelas direções das diferentes faculdades, dedicando boa parte dos seus recursos ao melhoramento das instalações e demonstrando peculiares preocupações com a sustentabilidade. Qualquer avaliação isenta encontrará um registo de obras e de alterações organizativas e funcionais que abrangem com alguma expressão praticamente todas as faculdades.

Sem dúvida que a intervenção mais mediática concretizada neste mandato reitoral foi a reabilitação do Colégio da Santíssima Trindade, que possibilitou o resgate de uma ruína que afetava, de modo muito pejorativo, a imagem da Universidade. Este foi um processo que mobilizou uma vasta equipa de pessoas, de competências muito diversificadas, com uma obra feita a contrarrelógio e que implicou, para a sua viabilidade, alguma engenharia financeira. Desde logo, aproveitou-se o investimento já feito em anterior ação de demolição e de consolidação, entrando esse valor como investimento da própria UC, ajudando a diminuir a participação por parte desta entidade. Um segundo aspeto teve que ver com a circunstância de, pela complexidade da obra, o prazo de execução se estender além daquele que se disporia de comparticipação, recomendo com a ajuda do empreiteiro, a um adiantamento financeiro que permitiu absorver toda a

despesa, e que se assim não fosse, obrigava a suporte integral desse montante por parte da Universidade. Esta ação conjugada permitiu que se terminasse a obra com um investimento bastante mais residual por parte da UC, fazendo-se uma maximização dos apoios comunitários disponibilizados. Aqui, tal como nos múltiplos projetos financiados pelo programa Mais Centro, foi importante a ajuda dos seus técnicos e o inexcédível apoio da sua cúpula, designadamente da Professora Ana Abrunhosa e da Dra. Isabel Damasceno.

No Paço das Escolas, e além da intervenção que se avizinha (e que é objeto de descrição detalhada em texto específico), foram desenvolvidas ações consistentes de conservação e de restauro da Porta Férrea, de reabilitação da fachada principal da Biblioteca Joanina (com respetiva conservação do portal e da porta), da reabilitação de todas as caixilharias na fachada norte e poente do Paço das Escolas, da intervenção profunda e extensa na Capela de São Miguel.

Depois da saída da Faculdade de Farmácia da UC (FFUC) para o Polo III, o edifício do Palácio dos Melos estava literalmente abandonado à sua sorte e em acelerado estado de obsolescência. A entrega deste nobre espaço à Faculdade de Direito da UC (FDUC) permitiu a inversão da situação que, dado o modo muito digno como esta unidade orgânica tem cuidado dele, voltou a ter o *élan* perdido, tornando-o num espaço referenciado, com muita utilização.

De modo a melhorar o funcionamento da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da UC (FPCEUC), foi reabilitado o subaproveitado Palácio Sacadura Botte, na Rua dos Coutinhos, acolhendo gabinetes para docentes e espaços letivos para pós-graduações. Complementarmente, o edifício antes ocupado pela FFUC, na encosta junto à Casa das Caldeiras, foi agora totalmente entregue à Faculdade de Psicologia que, após conclusão do exigente projeto e respetiva obra, irá permitir uma melhoria substancial da capacidade desta unidade orgânica nas suas diversas valências de ensino e de investigação.

A decisão da migração dos serviços financeiros do edifício central da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC (FCTUC) do Polo II para o rés-do-chão da ala poente do edifício da Faculdade de Medicina da UC (FMUC), no Polo I, foi uma decisão que permitiu alguma melhoria na eficiência da administração da Universidade e forneceu alguma luz no nó cego em que estava transformada a viabilização de uma solução para o Colégio de Jesus. Na realidade, a libertação deste edifício no Polo II viabilizou a reconfiguração funcional do edifício para a instalação, quase perfeita, do Departamento de Ciências da Terra da FCTUC. Esta solução, intuída pelo diretor da FCTUC, permitiu uma parte do esvaziamento do Colégio de Jesus, possibilitando a sua gradual ocupação por parte do Museu da Ciência bem como suprir necessidades pontuais de espaços para fazer face a compromissos inadiáveis como por exemplo aulas (FDUC) ou instalações para projetos de investigação – caso da Faculdade de Letras da UC (FLUC) e da FPCEUC. Um polo que não tem referência numérica, mas onde é particularmente notário o trabalho de reabilitação desenvolvido,

corresponde ao Estádio Universitário de Coimbra (EUC). Aqui, além da concentração da prática desportiva da academia, está instalada, de modo muito ineficiente, a Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da UC (FCDEFUC). Neste espaço, distinto para a vida universitária, foi desenvolvido um conjunto sistematizado de obras e de projetos, cuja ultimação, além da expectável criação de condições otimizadas para o exercício físico, irá possibilitar à FCDEFUC instalações definitivas e dignas para o cumprimento da sua exigente missão. Os Jogos Europeus Universitários (EUG 2018) foram, certamente, um bom pretexto e uma motivação para apressar alguns calendários de obras. No entanto, nenhuma obra foi feita com o intuito exclusivo dos EUG 2018, pois todos os trabalhos tiveram por base a prestação de um serviço à comunidade universitária, foram todos devidamente articulados com a FCDEFUC, com a direção do EUC, ouvidas as secções desportivas da Associação Académica de Coimbra (AAC) e que normalmente utilizam aqueles espaços.

Seguindo a ordem de intervenções, é de referir em primeiro lugar a reabilitação do Pavilhão 3. Esta obra teve por base, essencialmente, a melhoria substancial da iluminação natural do pavilhão, a reestruturação de balneários, a substituição de pavimentos para a melhoria da prática desportiva e a implementação de sistema solar térmico para aquecimento de águas. Asegunda intervenção realizada foi a reabilitação do Pavilhão 1. Neste espaço, foi privilegiada a reorganização dos espaços para a prática desportiva com a substituição do pavimento, a implementação de sistema de cobertura complementar, a consolidação estrutural de paredes e o reforço da estrutura em aço da cobertura, a revisão de todo o sistema de iluminação com soluções mais sustentáveis, bem como a implementação de sistema solar térmico para aquecimento de águas. Foi concretizada a pavimentação dos espaços exteriores de todo o EUC, com a revisão e melhoria de sistemas de saneamento. Esta obra será complementada com a implementação de rede *wireless* em todos os espaços e com a renovação do sistema de iluminação do espaço exterior. Ainda no tocante a arranjos exteriores, está em vias de conclusão, com a ajuda científica e técnica do Jardim Botânico, a plantação de umas centenas de árvores e arbustos, de modo a aumentar quantitativamente as espécies arbustivas no perímetro do EUC. Encontra-se concluída a reabilitação do antigo campo pelado de futebol 11, transformando-o num moderno campo em relva artificial, com possibilidade de desdobramento em dois campos de futebol 7, tendo ainda sido refeita a iluminação com a utilização de solução em LED.

O Pavilhão 2 foi totalmente remodelado, desde coberturas, pavimentos e balneários, ficando adequado para a prática desportiva em condições otimizadas e de segurança. Uma parte deste edifício foi adaptada para instalações da FCDEFUC, onde se destaca um moderno auditório com cerca de 180 lugares, suprindo-se assim uma ambição já muito antiga.

A crescer a toda esta atividade está ainda em curso a reabilitação da tribuna do campo principal do estádio. Esta obra visa a melhoria do funcionamento dos balneários com a revisão

das redes de águas e esgotos, reabilitação de revestimentos interiores e exteriores, de caixilharias, de impermeabilizações e de revisão de juntas de dilatação. Trata-se de uma obra com custos muito controlados, mas que tem como objetivo a restabelecimento da funcionalidade plena da tribuna, possibilitando a maximização no uso dos seus diferentes espaços. No Polo II, a Universidade foi parceira de algumas instituições, permitindo a concretização da designada Aceleradora de Empresas do Instituto Pedro Nunes e ajudou a tornar viáveis outros empreendimentos, como o Instituto de Investigação e Desenvolvimento Tecnológico para a Construção, Energia, Ambiente e Sustentabilidade (IteCons), cuja dimensão e realidade se devem, sobretudo, a uma dinâmica excecional dos seus presidentes. Foi também possível completar uma parte das infraestruturas viárias na parte nascente do mesmo polo, melhorando acessibilidades e circulações.

Fora dos principais polos universitários é de registar o resgate do Observatório Astronómico da UC. Tirando o edifício principal, as restantes construções estavam muito degradadas e praticamente sem utilização. De modo a tornar novamente o Observatório num ponto de interesse científico e didático, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, foi desenvolvida a recuperação do edifício Equatorial para a instalação de moderno Planetário; foi elaborada a recuperação do edifício do Fotoheliógrafo para instalação do telescópio para o Observatório; e foi refeita a rede de distribuição elétrica em baixa tensão, com reabilitação da iluminação do espaço de circulação exterior.

Outro foco importante de obra foi a intervenção no Palácio de São Marcos, cujos trabalhos se encontram, nesta data, concluídos. Através do aproveitamento de financiamento resultante de um mapeamento feito pela Direção Regional da Cultura do Centro, a Universidade resolveu pôr em funcionamento um processo de obra no conjunto, evitando que os fundos, eventualmente, se perdessem. A especificidade do apoio obrigava a que o grosso dos trabalhos fosse desenvolvido, prioritariamente, na Igreja de São Marcos. Todavia, a intervenção estendeu-se ao claustro, a uma reabilitação pontual do telhado do palácio e aos espaços exteriores junto à entrada. Assim, a igreja foi totalmente intervencionada, com substituição integral da cobertura, reparações de rebocos com pintura e limpeza de elementos pétreos. Devido a anomalias estruturais graves, com riscos eminentes de ruir, uma parte de abóbada da igreja teve que ser desmontado e reconstruída. No espaço exterior é de salientar a instalação de uma lajeado de pedra junto à entrada da igreja, a reconstrução de alguns planos de muros de vedação e a reabilitação da alameda dos plátanos com recarga de saibro, entre outras coisas.

Nos Serviços de Ação Social, foi possível implementar uma ação integrada de qualificação de várias das residências universitárias, aumentando a sua qualidade, através da reorganização funcional de espaços, com renovação e reabilitação de instalações, implementando sistemas de aquecimento solar térmico para águas quentes sanitárias, reparando caixilharias e pintando planos de paredes interiores e exteriores. Este era um trabalho imperativo, que haveria de

ser complementado pela ampla reformulação da Cantina Amarela, cujo edifício está, parcelarmente, em condições de funcionar. Outra alteração muito importante teve que ver com a mudança dos serviços médicos da degradada vivenda ao fundo das Escadas Monumentais para o interior do edifício da FMUC, possibilitando que o atendimento e a consulta da comunidade académica se passassem a processar em ótimas condições de conforto e de assepsia.

Sem dúvida de que o Jardim Botânico se encontrava num processo praticamente irreversível de degradação, colocando em dúvida o desempenho do cumprimento da sua missão, quer no campo pedagógico quer no científico. Por outro lado, devido à degradação das suas infraestruturas, este espaço apresentava problemas de segurança para os seus visitantes. A obra mais visível realizada no Jardim foi, inequivocamente, a reabilitação da Estufa Grande, com implementação de sistemas automatizados de proteção solar, de controlo ambiental e de fecho das janelas. Foi este último sistema que, conjugado com a substituição e implementação de vidros laminados com proteção a radiação, ajudou a que o espaço ficasse incólume na recente tempestade *Leslie*. Esta reabilitação permitiu colocar a *Victoria Regia* em local de destaque, mesmo ao centro do corpo principal, e projetar um delicado varandim perimetral, que substitui o anterior em betão. Mesmo junto a esta estufa, foi possível demolir a anterior construção para dar lugar a um amplo e moderno espaço de desenho contemporâneo, muito bem integrado na envolvente, possibilitando a resolução do problema crónico de instalações sanitárias adequadas para os inúmeros visitantes. Este projeto, da autoria do arquiteto João Mendes Ribeiro, tem obtido notável distinção através de nomeação e atribuição de prémios de arquitetura.

Foi feita, também, a modernização da imagem do Jardim, de toda a sinalética e de todo o mobiliário, com um desenho inspirado precisamente na *Victoria Regia*. Foi concretizada a reabilitação da Estufa Fria, do Pórtico Dona Maria (que se encontrava em situação muito instável), e foi realizada, ainda, a limpeza e a reabilitação dos portais de entrada e dos respetivos portões. Foi criado um percurso que garante o acesso à Estufa para pessoas de mobilidade condicionada, a partir da Rua do Arco da Traição, favorecendo a demolição de uma antiga garagem em estado obsoleto e a reabilitação de um espaço por baixo de escadas adjacentes ao Colégio de S. Bento, que será uma loja para venda de recordações e de plantas. Com o apoio das Águas de Coimbra e da Câmara Municipal foi ainda possível dignificar a entrada no Jardim Botânico a partir da zona baixa da cidade, que conjugado com a reabilitação de vias, caminhos e da antiga cisterna de abastecimento de água à cidade, tornou certamente todo este espaço numa zona mais aprazível e segura, permitindo a abertura da Mata ao público. Após muitos anos de fecho, passou a ser possível a circulação pública em todo o Jardim Botânico.

No Teatro Académico de Gil Vicente, foi feita a conservação da zona de plateia e do balcão, com o revestimento de pavimentos e de reabilitação das cadeiras, com substituição de estofos. Foi modernizado todo o equipamento mecânico de apoio

à teia do teatro e procedido à reabilitação de um dos pisos de camarins.

Mas, certamente, muito está por fazer. E depois de concluído qualquer trabalho, rapidamente as pessoas esquecem o que foi feito e concentram os seus olhares no que ficou por fazer. Esta esponja sobre a obra passada coloca muita pressão sobre o presente, no sentido de se resolverem problemas pendentes. No entanto, sendo esta hercúlea tarefa de responsabilidade de um parque edificado tão grande como o da UC, algo que durante dois mandatos reitorais motivou toda uma equipa de dirigentes e de técnicos muito dedicados, cuja dimensão nunca esteve ao nível básico do número de pessoas necessárias para a resposta adequada às solicitações, apraz referir que mediante uma conjuntura sistematicamente adversa, existe um sentido geral de dever cumprido. E, subsistindo uma perceção de que muito foi feito, dando seguimento a uma dinâmica que já vinha de trás, é certo que muito falta fazer, sendo esse o grande desafio do novo reitor. Em 2011, aquando do honroso convite feito pelo reitor João Gabriel Silva para o ajudar nas questões relacionadas com o extenso património da Universidade, coloquei a mim mesmo a condição de que as energias tinham de ser direcionadas para uma situação que, no final, os espaços tinham de estar bastante melhor e que deveríamos ter melhores condições para o exercício da nobre tarefa que todos os dias desempenhamos com sentido e responsabilidade.

Este foi o resultado de um trabalho complexo que envolveu praticamente todos os setores da Universidade e que na sua concretização envolveu tanto o reitor como todos os diferentes membros da equipa reitoral, que nos vários anos serviram a instituição. Só foi possível fazer todas estas obras, porque houve dedicação de muita gente, elaboração de candidaturas, de projetos, de concursos, de fiscalizações e de obra. Este foi um processo muito complexo, muito exigente e que requereu tempo e muitos recursos: humanos e financeiros. Foi um percurso muito dinâmico, intenso, que precisou de mobilização de chefias, de técnicos e da colaboração de muitas entidades privadas e públicas. Mas será sobretudo justo um agradecimento às pessoas que fizeram a gestão dos fundos comunitários, que souberam acreditar na Universidade e na sua enorme capacidade de concretização, tornando possível uma parte substancial do investimento conseguido ao longo de dois mandatos reitorais. Um investimento que também foi da Universidade, quer naquilo que constituiu a participação nacional, quer nos múltiplos projetos que foram desenvolvidos totalmente à custa de recursos financeiros da instituição.

E, se o início da longa atividade se fez sob a batuta da *Troika*, quis o destino motivado pela irresponsabilidade dos homens que uma tempestade chamada *Leslie*, se prestasse a tornar precário muito do trabalho feito sustentadamente durante oito intensos anos. Felizmente, esse mesmo trabalho fez com os estragos fossem substancialmente menores do que o previsível e, apesar de tudo, se pudesse deixar obra visível e consistente.

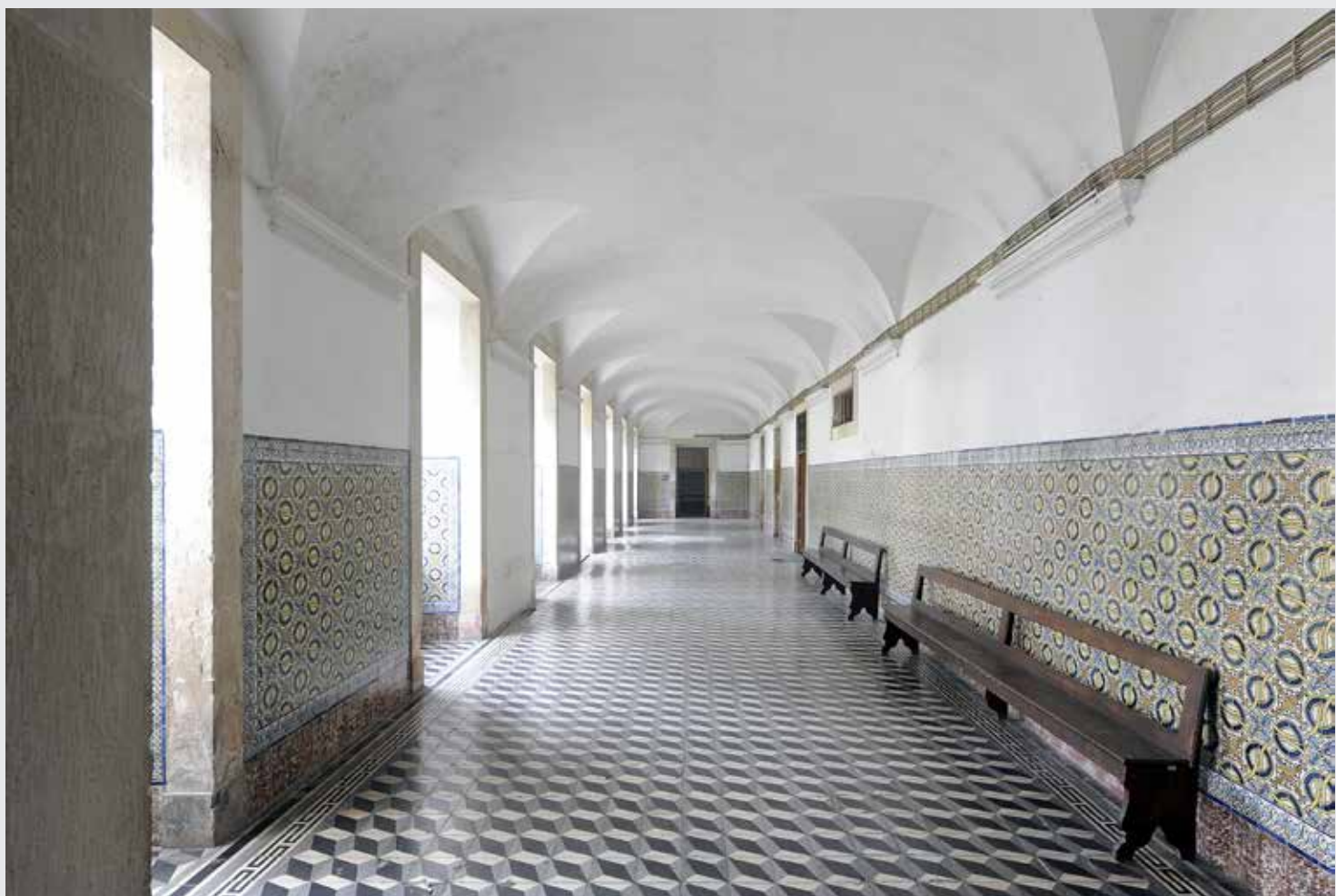
^[1] * Vice-reitor da Universidade de Coimbra











REABILITAÇÃO DAS ESTUFAS TROPICAIS DO JARDIM BOTÂNICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA: UM LABORATÓRIO DE ATMOSFERAS

JOÃO MENDES RIBEIRO *

As Estufas Tropicais localizam-se na Alta da cidade de Coimbra e fazem parte do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra (UC). O Jardim Botânico foi estabelecido em 1772, por iniciativa de Marquês de Pombal, e ocupa uma parcela da antiga cerca do colégio de S. Bento. Ao longo do tempo, o Jardim foi objeto de sucessivas intervenções, visando a sua adaptação à topografia, o que resultou na criação de vários muros de suporte e patamares, desde o quadrado central até às cotas mais altas. À semelhança do Jardim, também o projeto das Estufas sofreu inúmeras transformações até à data do início da sua construção definitiva, em 1859, segundo traçado de Pedro José Pezerat, engenheiro de origem francesa radicado em Portugal. Referenciada nas estufas de Kew Gardens, em Inglaterra, a intervenção no Jardim Botânico de Coimbra é um dos primeiros exemplares da arquitetura do ferro em Portugal. A intervenção na Estufa envolveu o restauro e a recuperação das estruturas existentes, e a implementação de soluções técnicas que garantam, por um lado, as condições ambientais adequadas ao desenvolvimento das plantas, e, por outro, a acessibilidade e fruição do edifício. A ala central corresponde a um momento singular da Estufa, dada a sua configuração com pé-direito elevado e a existência de uma galeria no nível superior, de forte pendor cenográfico. Embora referenciada na varanda preexistente, cuja construção em elementos de betão data dos finais do séc. XX, a nova galeria possui uma materialidade radicalmente distinta, caracterizada por uma estrutura metálica, ligeira, mais coerente com a linguagem e o sistema construtivo da Estufa. O acesso à galeria superior é feito por duas escadas em caracol sobre o lago central. Esta peça, que ocupa o espaço dos antigos canteiros e destinada ao crescimento da *Victoria Régia*, é revestida a chapa de aço pintada a preto, por forma a enfatizar a superfície espelhada do plano de água e a verticalidade do espaço.

Para reforçar a axialidade da composição, propôs-se a abertura de uma porta no alçado norte, fazendo a ligação da Estufa ao patamar intermédio no tardo da mesma. Com o decorrer da obra, veio a confirmar-se a existência prévia de um vão nesse mesmo local. Nos vãos interiores, substituíram-se as portas de madeira por caixilharias de ferro e vidro, assegurando uma continuidade visual entre todas as alas. O pavimento foi regularizado com a aplicação de lajetas em pedra de Ataija, segundo uma estereotomia uniforme, estreitamente relacionada com a estrutura do edifício. Nos paramentos interiores e exteriores das paredes, reconstituiu-se o revestimento com reboco à base de cal e pigmento incorporado, permitindo manter a permeabilidade natural das paredes. Destaca-se, ainda, o restabelecimento da transparência entre interior e exterior da Estufa, através da remoção da caiação nos paramentos verticais e na cobertura e da aplicação de vidros translúcidos e telas de sombreamento interiores. Esta solução retoma um sistema em uso no início do séc. XX e acarreta uma alteração radical da imagem da Estufa, que passa a assumir uma configuração distinta, consoante a posição das telas, ao longo das estações do ano. Tal como o novo Lago Vitória, o espaço *Ciência In Situ* foi construído de raiz para acomodar espaços de apoio do jardim. O edifício possui uma cobertura ajardinada, sobre estrutura de madeira e pórtico em blocos maciços de pedra Ataija. Os vãos estão protegidos com portadas em ripado de madeira, recriando a imagem das casas de fresco e proporcionando uma integração harmoniosa no ambiente do Jardim.

* Arquitecto e professor na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra



DIÁLOGO INTERCULTURAL EM PATRIMÓNIOS DE INFLUÊNCIA PORTUGUESA

WALTER ROSSA *

O uso dos bens que cada um tem varia entre os que possuímos e guardamos quase até ao esquecimento, e aqueles que usamos tão intensamente que também quase nos esquecemos que são isso mesmo, um bem que temos. Pelo meio, situa-se um sem número de outros cuja participação, mais ou menos consciente na nossa vida, varia ao sabor das solicitações do quotidiano. Arrisco generalizar que a valorização que fazemos de cada um dos bens que temos é diretamente inversa à intensidade com que os vivemos, a não ser que algo nos desperte para essa valorização. Não é (nem tem de ser) sempre assim, mas é frequente isso ocorrer quando algo os coloca em risco. Acordamos para esse bem e reagimos, o que é o primeiro estádio da sua valorização. Também temos essa reação quando constatamos ter algo equiparável ao que outros valorizaram, viram desaparecer ou salvaram do risco. Quando essas reações são partilhadas por outrem inicia-se um *diálogo* através do bem em questão. O reconhecimento coletivo de valor(es) a um bem é a base potencial para a sua patrimonialização. O que se segue não é, porém, simples, uma vez que o processo até ao compromisso sobre os valores e a sua caracterização é árduo, pois muitas outras ordens de valores entram em jogo – até os inconfessáveis. Mais complicado é ainda quando o coletivo em causa é composto por subgrupos com linguagens diversas e, se saltarmos fronteiras, nações ou regimes, esse processo de concertação tende a passar do complicado ao complexo, confirmando-se uma espiral de prevalência centrífuga que conduz à exasperação, desistência e desintegração da ação, ficando o bem em risco. O que significa que não foi demonstrado ser a sua valia suficientemente forte para agregar e somar, num todo, vontades débeis, ou seja, para se imporem os seus valores, designadamente o *intercultural*. A perda de bens é uma coisa banal do passado,

e assim continuará no futuro, sendo essa opção, mais ou menos consciente, uma marca cultural, uma herança negativa eventualmente censurável ou celebrável em tempos com outras configurações de contexto.

Continuando a abusar da mesma família de princípios da Física para a construção desta espécie de alegoria em torno da salvaguarda dos bens, sabemos que a única forma de o movimento em espiral se converter em circular é fazendo com que a força centrípeta equilibre a centrífuga, ou seja, que o movimento que visa gerar a valorização do bem e, conseqüentemente, a sua patrimonialização, seja tão forte quanto o que o que pode desagregar. Se evoluir de forma a que a força centrípeta seja mais forte que a centrífuga, o movimento voltará à espiral, mas convergindo para o bem. Ou seja, a patrimonialização (ou não) de um bem consiste no resultado do jogo de forças entre o(s) valor(es) gerado(s) em torno dele. No fundo, com pouco mais de um século, a evolução das teorias sobre o património cultural tem sido uma árdua e longa aprendizagem sobre a composição dessa força centrípeta desde múltiplas forças débeis, evoluindo das grandes exceções cujo valor era reconhecido por uma elite, para uma extraordinária diversidade de bens com valores reconhecidos por grupos muito alargados e variados, com uma clara explosão no fim da modernidade.

Essa aparente vulgarização da patrimonialização de bens ocorreu a par da gradual tomada de consciência de que os recursos da Terra são finitos, e da revolução tecnológica que, aumentando exponencialmente as possibilidades de comunicação, alterou a forma de formação de comunidades de interesse e reconhecimento em torno dos bens. Lidamos constantemente, e sobre exemplos à escala global, com conceitos e questões transdisciplinares que se cruzam, interagem e constantemente evoluem como (entre muitos outros, alguns dos que sempre estão presentes nos processos de patrimonialização) sustentabilidade, memória, representação, identidade, comunidade, ressignificação, autenticidade, transformação, desenvolvimento, desigualdade, acesso, inclusão, formação e informação, reconciliação, pertença e obrigação de tutela dos recursos e bens, etc., guiando-nos por um vago consenso ético de que o seu uso deve seguir critérios de valorização e potencialização, não de degradação. É também consensual que o conflito destrói e o compromisso desenvolve recursos e/ou bens. Dramático é os conflitos terem como móbil, por regra, o seu controle, quando invariavelmente acabam por degradá-los.

Assim se vislumbra no património cultural – uma emanação das forças débeis que se geram a partir do reconhecimento de um coletivo num bem ou conjunto

de bens – uma força motriz de vanguarda na geração de compromissos nas mais diversas escalas e âmbitos. E, talvez mais relevante, até porque o sabemos desde os períodos de prosperidade das grandes civilizações da Antiguidade, promovendo a cultura como base sustentada de construção de laços e pontes de *diálogo*, ou seja, de construção de bases para a paz. Mais do que uma conversa entre pessoas, *diálogo* é uma forma de comunicação em que todos os intervenientes reconhecem os outros como parceiros interessados nos temas em questão, admitindo tacitamente que se não houvesse diferenças não haveria razões para dialogar. Os processos de patrimonialização de um bem com valores de mais do que uma comunidade são processos de *diálogo intercultural*, no qual as questões da pertença, tutela, soberania – por imposição do próprio étimo, património é algo que só se transmite por *herança* ou *legado* e de que apenas o usufruto é suscetível de *partilha* - não excluem o reconhecimento do direito de outros a formas e expressões de empatia.

A escolha das palavras é, de facto, crucial na expressão do pensamento, sobretudo em contextos de grande sensibilidade política. Quando confrontado, com outros colegas do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (Margarida Calafate Ribeiro, Paulo Varela Gomes, António Sousa Ribeiro), sobre como designar um conjunto de ações, entre as quais um curso de doutoramento, que começamos a delinear em 2009, deparámo-nos com um conjunto de termos correntemente usados em situações similares (origem, matriz, raiz, inspiração), absolutamente contra a perspetiva de que, seguindo o meu ponto de vista, procurei sintetizar acima. São termos que excluem o papel do outro, o multidirecionalismo das relações norte-sul, as resultantes de movimentos de subjugação implícitos nos fenómenos de emigração, o carácter dinâmico dos objetos de estudo, e apontam para leituras convergentes no lusotropicalismo, por conseguintes suavizadoras dos iníquos e cruéis velhos processos, e das novas formas de dominação (pós)colonial.

Foi assim que, entre algumas escassas hipóteses, se nos impôs a palavra *influência*, pois foi com o seu relativismo e elasticidade que pretendemos avançar com a proposta de investigação interdisciplinar sobre os bens que, do ponto de vista do património cultural (arquitetura, arte, língua, literatura, paisagem, território), suscitam convergências no reconhecimento de valores comuns às comunidades e territórios onde existiu - ou ainda existem - formas de presença portuguesa. Mas não seria, nem é a presença portuguesa o objeto, apenas as resultantes comuns por ela geradas nos espaços e nas gentes, no fundo meios para o estabelecimento de *diálogos interculturais*.

O doutoramento em *Patrimónios de Influência Portuguesa*, com os ramos *Estudos Culturais e Arquitetura e Urbanismo*, foi lançado em 2010 pelo Instituto de Investigação Interdisciplinar e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES), tendo decorrido quatro edições e estando concluídas oito teses. Em 2014, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, evoluiu para uma rede que integra mais cinco universidades (Bolonha, Federal Fluminense, Eduardo Mondlane, Paris Nanterre e Algarve) e lançou várias iniciativas que o têm vindo a instituir como um *think tank* da cooperação para o desenvolvimento na sua temática. Além do apoio já referido, também o Instituto Camões tem reconhecido os resultados do *Patrimónios*, quer na cultura, quer na cooperação. A sua instalação e percurso acompanharam e foram-se integrando com ações estratégicas da Universidade de Coimbra (UC) do mesmo âmbito, como, por exemplo, o projeto *AltaSophia* (2014-2015) e, essencialmente, com o processo que levou, em 2013, à sua inscrição na Lista do Património Mundial da UNESCO, mas também com o muito bem-sucedido esforço de internacionalização e cativação de estudantes no espaço de cultura e investigação em Português.

Foi nessa dinâmica e alinhamento estratégicos que a Reitoria da UC lançou à coordenação do *Patrimónios* o desafio de, com ela e a Comissão Nacional da UNESCO, formularem o projeto de criação da *Cátedra UNESCO em Diálogo Intercultural em Patrimónios de Influência Portuguesa*, que aquele organismo das Nações Unidas aprovou em junho passado. A sua rede inclui os parceiros já referidos e, ainda, a Universidade Lúrio e a MEIA, Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura de Mindelo. Os procedimentos burocráticos ficaram concluídos no verão e foi há pouco iniciada a sua instalação, que deverá ser concluída e formalmente anunciada em breve.

Não são estes o momento e o lugar para listar o que, entretanto, já se fez e o que se planeia concretizar. Deve, contudo, registar-se que o fomento e a cooperação no âmbito da capacitação, formação e investigação através do património cultural são os seus propósitos estruturantes, em linha com os *Objetivos Estratégicos* e a *Agenda 2030 para a Educação* da UNESCO e, em geral, com os *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável* da *Agenda 2030* das Nações Unidas. O conhecimento é, talvez, o único bem que não se consegue tirar ao indivíduo que o adquiriu, sendo assim não só intrinsecamente resiliente como sustentável. O conhecimento foi e será sempre o futuro; foi e poderá ser sempre também em português.

* Investigador no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

NOS 10 ANOS DOS ESTATUTOS DA UC

JOÃO FILIPE QUEIRÓ *

Completaram-se recentemente dez anos de vigência dos atuais Estatutos da Universidade de Coimbra (UC). Não será inútil recordar abreviadamente as circunstâncias em que foram elaborados e explicar algumas das opções que neles ficaram plasmadas.

Em 10 de setembro de 2007, foi publicada em Diário da República a Lei n.º 62/2007, contendo o novo Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior (RJIES), que entrou em vigor 30 dias depois, e consagrou mudanças profundas na organização do ensino superior em Portugal. De acordo com o RJIES, as instituições de ensino superior ficaram obrigadas a rever os seus estatutos, no prazo de oito meses contados a partir da data de entrada em vigor do diploma. A lei, aprovada na Assembleia da República em clima de alguma controvérsia, era clara nas disposições transitórias: “No caso de não aprovação injustificada dos estatutos no prazo fixado, considera-se, para todos os efeitos legais, que a instituição se encontra em situação de degradação institucional nos termos do artigo 153.º.” A epígrafe deste último artigo é “Encerramento compulsivo”.

A lei prescrevia que o trabalho de revisão dos Estatutos seria levado a cabo por uma Assembleia Estatutária *ad hoc*, constituída por 21 membros: o reitor, que presidia, 12 representantes dos docentes e investigadores doutorados, três representantes dos estudantes e cinco personalidades externas cooptadas pelos 16 membros anteriores.

Dada a extrema delicadeza do momento – a pressão do tempo e a responsabilidade que lhe cabia na condução do processo –, o reitor Fernando Seabra Santos tomou a iniciativa de promover a formação de uma lista de docentes e investigadores candidata à Assembleia Estatutária. Anunciou-o à comunidade universitária em diversas ocasiões, nomeadamente no discurso de Abertura Solene e em duas reuniões do Senado. Essa lista veio a constituir-se e a apresentar-se à Universidade em novembro. Dela faziam

parte os presidentes dos Conselhos Científicos das oito Faculdades (que tinham sido eleitos para esses cargos por voto direto dos seus pares e eram, portanto, já portadores de especial legitimidade), o presidente do Instituto de Investigação Interdisciplinar e três professores convidados pelo reitor. A eleição teve lugar em 26 de novembro, tendo votado cerca de 50% dos eleitores. Aos 12 professores juntaram-se três estudantes eleitos e mais tarde as cinco personalidades cooptadas: António Almeida Santos, Artur Santos Silva, Rui Vilar, Gonçalo Quadros e Manuel Carvalho da Silva. A primeira reunião da Assembleia Estatutária completa teve lugar em janeiro de 2008. As principais informações sobre este processo encontram-se *online*, no endereço www.uc.pt/assembleiaestatutaria.

Os novos Estatutos foram enviados para homologação ministerial em junho de 2008. Os cinco meses anteriores foram de trabalho intenso, com numerosas reuniões da Assembleia (a periodicidade chegou a ser semanal, e no fim quase diária) e várias audições na Universidade, destacando-se um encontro no Palácio de S. Marcos em finais de fevereiro, com mais de uma centena de pessoas, incluindo representantes de todas as unidades orgânicas.

O processo não foi fácil. Houve o auxílio precioso de uma comissão de redação presidida pelo vice-reitor António Avelãs Nunes mas, como é óbvio, as opções “políticas” foram da responsabilidade da Assembleia.

Referir-me-ei apenas a duas questões da governação interna da Universidade que justificaram discussão acesa e expressão de fortes divergências.

O RJIES é muito prescritivo em matéria de governo universitário, nomeadamente introduzindo um órgão novo, o Conselho Geral, com vastas competências, incluindo a eleição do reitor. A existência de um órgão do tipo do Senado era deixada como opção na lei, mas foi consensual na Assembleia que devia ser consagrada nos Estatutos, nomeadamente para assegurar a representação orgânica das Faculdades na gestão académica da Universidade, assunto que não cabe nas competências do Conselho Geral. Houve alguma discussão em torno de saber se os dirigentes das Faculdades deviam ser nomeados pelo reitor ou eleitos pelas escolas: apesar de estar razoavelmente claro para todos que a lógica da lei sugeria a nomeação, optou-se, após breve discussão, pelo figurino da eleição. Quem se interesse por estes assuntos poderá informar-se sobre o caminho seguido noutras universidades portuguesas.

Vamos, então, aos dois temas que propiciaram longa e interessante discussão. O primeiro foi o da direção das Faculdades, em que um setor da Assembleia defendeu a manutenção de duas presidências separadas: a do Conselho Científico e outra com competências nos planos administrativo e financeiro. O debate chegou a ter uma

dimensão “doutrinária”, sendo invocado o princípio da “separação de poderes”. No mesmo sentido, outro argumento apontava para a vantagem de ter, como presidente do Conselho Científico, alguém não diretamente ligado às questões financeiras, potencialmente contaminantes de deliberações que deviam manter-se afastadas desse tipo de considerações. Em sentido oposto, afirmando-se em qualquer caso a prevalência, na arquitetura do governo das Faculdades, do Conselho Científico, foram sublinhadas as recorrentes disfunções do modelo de separação. Este ponto de vista teve vencimento, sendo criada nos Estatutos a figura de Diretor de Faculdade.

O segundo tema ainda hoje provoca alguma confusão. Trata-se da questão da duração dos mandatos dos diretores das Faculdades. Logo no início da discussão foi sugerido que essa duração devia ser de quatro anos, por dois motivos: o alinhamento com os mandatos reitorais e o reconhecimento de que dois anos é pouco para quem tenha projetos de fundo. A favor de mandatos de dois anos foi usado um argumento muito simples, que, após análise, veio a prevalecer: perante mandatos de quatro anos, o número de professores disponíveis para dirigir as Faculdades seria muitíssimo pequeno. A realidade das Faculdades nestes dez anos veio a dar total razão a este argumento: apresentaram-se fortes candidatos a diretor que, em geral, cumpriram vários mandatos consecutivos de dois anos sem qualquer problema. Mas quantos deles não se teriam sequer candidatado se colocados à partida perante a perspectiva de um mandato de quatro anos? O caso do reitor é diferente: ser reitor resulta de uma opção mais profunda do que ser diretor de Faculdade, e muitos professores potenciais candidatos a diretor hesitariam perante mandatos longos. Uma vez eleitos e tendo cumprido dois anos, são naturalmente reeleitos se quiserem continuar o seu trabalho e não tiverem tido problemas graves.

O primeiro destes dois temas provocou quase uma cisão dentro da Assembleia, chegando ao ponto de levar à abstenção de três professores na votação final global exclusivamente por causa do assunto.

Como se disse, o modelo do Conselho Geral, que substituiu a multitudinária Assembleia da Universidade, é prescrito na lei nacional. As competências que estão atribuídas a este órgão colocam pesadas responsabilidades de integridade e independência sobre os seus membros, que devem sempre manter-se à altura delas.

* Professor da Faculdade de Ciências de Tecnologia da Universidade de Coimbra

EUROPEAN UNIVERSITIES GAMES 2018



OS JOGOS EUROPEUS UNIVERSITÁRIOS COIMBRA 2018

MÁRIO SANTOS *

Decorreu de 15 a 28 de julho deste ano, em Coimbra, a 4.ª Edição dos Jogos Europeus Universitários (EUG Coimbra 2018). Marcaram presença cerca de quatro mil participantes de 38 países europeus, que competiram em 13 modalidades, representando 291 instituições de ensino superior.

Os Jogos Europeus Universitários (EUG) são um evento multidesportivo, organizado sob a égide da Associação Europeia de Desporto Universitário (EUSA) e ocorrem de dois em dois anos, reunindo em simultâneo Campeonatos da Europa de várias modalidades. Neste evento, os estudantes atletas representam as suas instituições de ensino superior e não o seu país. Apenas os vencedores dos respetivos campeonatos nacionais garantem acesso. Mais do que um evento multidesportivo onde os atletas têm a oportunidade





de competir com os melhores da Europa, os EUG são uma oportunidade para promover a amizade entre estudantes de outras instituições de ensino superior, sob os valores do desporto, promovendo-o como um pilar essencial de um projeto educativo de uma sociedade desenvolvida.

A atribuição dos EUG a Coimbra surgiu na sequência de uma candidatura conjunta da Associação Académica de Coimbra (AAC), da Federação Académica do Desporto Universitário (FADU), da Universidade de Coimbra (UC) e da Câmara Municipal de Coimbra (CMC). Condicionada pela intervenção externa a que o país estava sujeito, a organização deste evento não deu origem a nenhuma entidade com personalidade jurídica própria, mas a um modelo híbrido constituído por uma Comissão de Supervisão e um Comité Organizador com representantes de cada uma das referidas instituições.

Um dos objetivos principais foi organizar um evento desta dimensão com um papel central dos estudantes na organização, envolvendo as instituições organizadoras e os seus serviços, numa lógica de sustentabilidade e interdisciplinaridade. Criou-se uma oportunidade única de sensibilizar a comunidade académica em geral, e os estudantes em particular, para a importância do desporto, da atividade física e da necessidade de aumentar a qualidade e os índices de prática.

Os EUG Coimbra 2018 tiveram impactos significativos na cidade, no país e no desporto universitário nacional e europeu. Foram, sem falsas modéstias, muito além daquelas que eram as melhores expectativas.

Presenciamos uma competição desportiva de elevado nível, envolvendo as federações desportivas nacionais que aportaram grande qualidade técnica ao evento.

A UC, em contexto desportivo, alcançou uma prestação ímpar ao vencer o medalheiro com a atribuição de 11 medalhas, valorizando os atletas de alto rendimento que aqui estudam e treinam, e reconhecendo as condições



únicas existentes para a compatibilização das carreiras académica e desportiva.

Uma organização exemplar, com um orçamento cumprido com rigor e sem desvios, resultou num projeto que foi capaz de garantir um dos maiores financiamentos europeus ao desporto alguma vez conseguido por Portugal, e um financiamento público que permitiu a robustez financeira do evento.

O objetivo de envolver estudantes na organização foi atingido ao integrar mais de 75% de pessoas com menos de 25 anos, na sua maioria estudantes, no Comité Organizador, bem como centenas de voluntários das mais diversas áreas de formação e idades.

A cidade de Coimbra vestiu a camisola dos EUG Coimbra 2018 e participaram aqueles que durante muitos meses se demonstraram céticos quanto ao sucesso do evento, enchendo os recintos desportivos e vivendo momentos únicos.

No entanto, e sem menosprezar o repto, a maior e mais difícil tarefa seria deixar um legado. Um legado material e imaterial. Foi possível deixar um legado significativo, mas que poderia ter sido muito mais profundo, tivessem mais pessoas e instituições acreditado nesta oportunidade e no seu caráter único e irrepetível.

O legado material traduziu-se na intervenção em infraestruturas desportivas, centrada sobretudo na reabilitação do Estádio Universitário de Coimbra (EUC), que irá contribuir para aumentar qualitativamente e quantitativamente a prática desportiva, e dotar a Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física de ferramentas para um melhor ensino. Ficaram para trás outros equipamentos que podiam – e deviam – estar ao serviço da cidade. O maior desafio era o legado imaterial. Os EUG Coimbra

2018 foram uma oportunidade única para Coimbra refletir sobre um modelo único de envolvimento da comunidade e da academia através do desporto.

Os EUG Coimbra 2018 só podiam ser organizados, e ter decorrido como decorreram, em Coimbra! Não foram melhores ou maiores do que os outros; foram diferentes e únicos. Coimbra proporcionou a todos os participantes uma experiência única através do desporto, vivendo numa verdadeira cidade universitária, dos estudantes, do conhecimento, com história e tradição.

Simultaneamente, e como parte integrante dos EUG Coimbra 2018, decorreu um programa educacional e cultural, convidando a uma visita do desporto como um espaço de cultura e de valores ao serviço do desenvolvimento humano. A Conferência de reitores que reuniu dezenas de reitores de Universidades europeias foi um bom exemplo. Com a assinatura do *Coimbra's Consensus Statement* foi dado mais um passo para a valorização do desporto e da carreira dual.

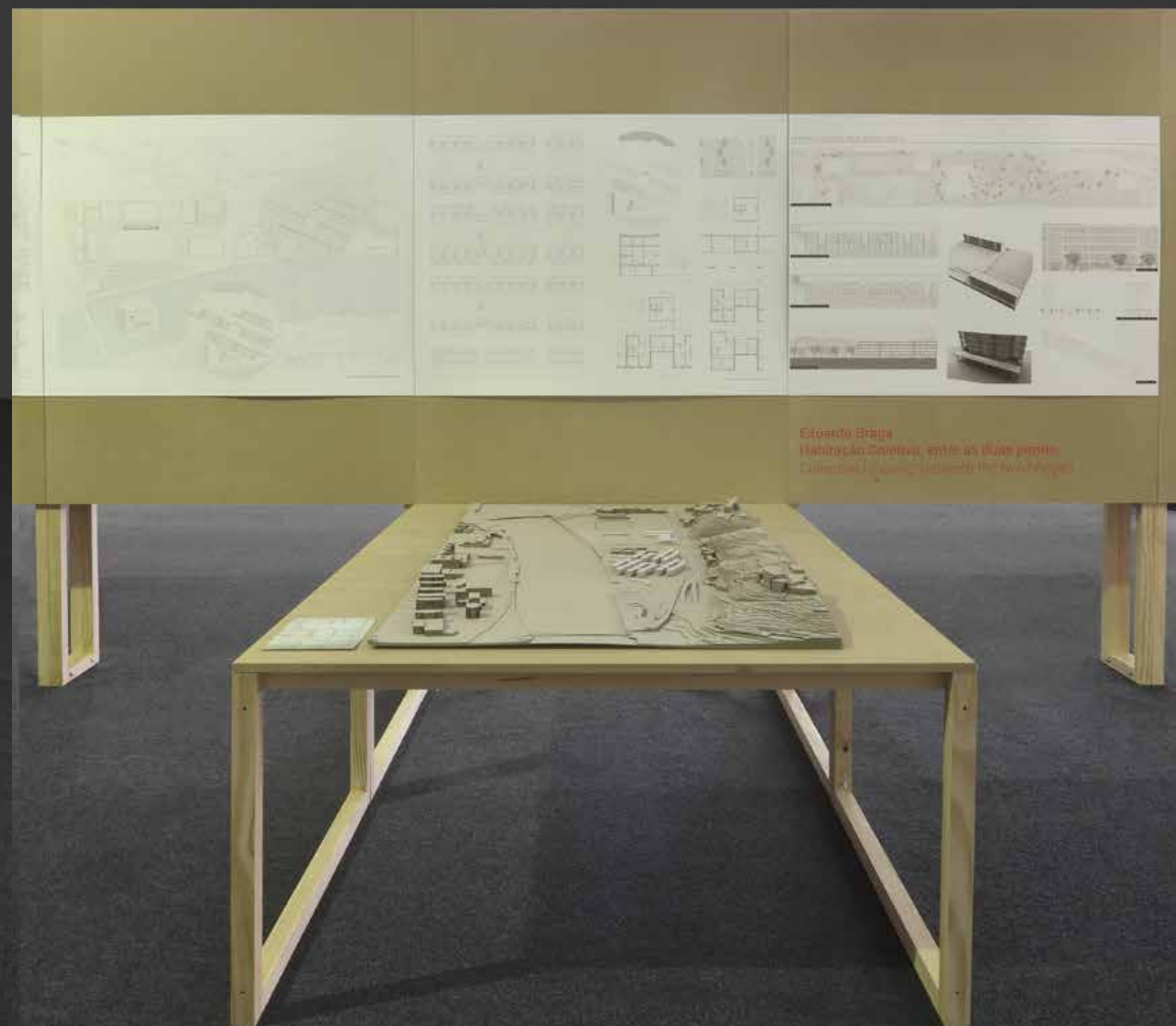
Difícilmente teremos outra oportunidade de criar um legado desta dimensão. A oportunidade foi criada e Coimbra mostrou-se ao Mundo e o desporto mostrou-se à academia. Saibamos aproveitar e fazer do desporto e da atividade física uma realidade no terreno e não uma realidade virtual.

Os EUG Coimbra 2018 revelaram que o desporto e atividade física terão de vingar pela força do bom exemplo, seja pelo aumento da qualidade e quantidade dos praticantes de atividade física, da densidade dos quadros competitivo ao apoio aos atletas de alto rendimento, ou pela valorização do desporto como fator de desenvolvimento social, económico e fonte de conhecimento.

* Secretário-geral da Comissão Organizadora dos Jogos Europeus Universitários de Coimbra (EUG Coimbra 2018)

de volta ao estádio:

as instalações desportivas da cidade universitária de coimbra



PARA ALÉM DA UTOPIA

PENSAR A IDENTIDADE DO
DESPORTO UNIVERSITÁRIO A PARTIR
DOS JOGOS EUROPEUS UNIVERSITÁRIOS 2018

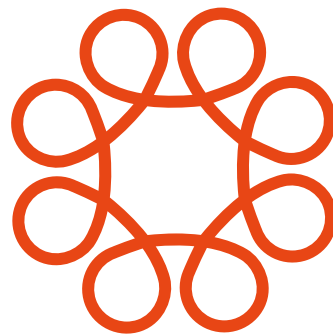
ANTÓNIO BARROS*

Quando, em 2007, criei a *assinatura* para as comemorações dos “120 Anos da Associação Académica de Coimbra”, grafando nos suportes desse tempo, no *tempo*: **Para Além da Utopia** – enunciação cujo *animu* do texto mereceu o aplauso público do então reitor da Universidade de Coimbra (UC), Professor Doutor Rui de Alarcão, estava eu, ao formular este *desafio*, querendo gerar a lucidez de um *caminho* que resultasse premonitório.

Quando, em 2013, criei a *identidade visual* para a operação “Ganhar o Estádio Universitário – Comemorações dos 50 Anos”, e nesse querer fiz gerar um elevar-nos perante a *utopia*, convidei cada um a subir à sua *tribuna de vontades* e olhar Coimbra vista do céu. Esta atitude do querer – em modo *elevado, elevando, elevando-se* –, conduziu ao gesto de ir buscar à cidade, para a cidade, a iconografia das suas *raízes*, pois Coimbra – *cidade das rosas*, sustentada na sua *mitologia urbana* tão plena de crenças e literárias fantasias –, assim se fazia insinuar.

Olhando a topografia da cidade na distância, logo encontramos a poética narrativa de um lugar onírico em forma de flor. Lugar onde o desenho da rosa, a flor, é alimentada por uma verde folha [a do(s) relvado(s) do Estádio Universitário] residente num lugar único: o da margem esquerda do Mondego. Todo um *velho campo de citrinos* que então, a seu tempo, acolheu o Estádio Universitário para saudavelmente saudar, e saúde dar à cidade.

Quando, em 2015, me foi pedido pelo reitor da UC, Professor Doutor João Gabriel Silva, que criasse a *marca* dos “European Universities Games 2018” (EUG2018), regressei, neste mesmo alinhamento de *sentido*, ao gesto de zelar por uma distinta *elevação*, sempre no propósito de que resultasse o *símbolo* a construir num objeto depurado, nobre, e universal. Mas, e não menos, que o desenho tangível gerasse um *retrato do lugar* - rosto dito num devir *para além do tempo presente*.



M A N D A L A

Chegando a Coimbra regressados do céu, vindos de outros lugares e geografias do mundo, como quem voa, ao aproximarmo-nos da superfície chegamos ao espaço ágora da cidade [a Praça da República]. Aí, e porque tanto nele se infere, logo encontramos um *símbolo universal* desenhado pela *calçada portuguesa* vestindo a praça: uma **mandala**.

A sua estilização, e a aplicação da *cor identitária do mundo citrino* – como modo de um querer zelar pelo *ambiente* e a *saúde do corpo* –, parecia, no enunciado, querer ilustrar a *assinatura*: **Para Além da Utopia**, e aí uma procura de *caminho* logo surgiu a querer fazer-se legítimar.

Vencidos os anos, julgo cumpridas as vontades enunciadas pelas três marcas criadas, tudo como um legado distintivo dessa sempre procurada *elevação*. Três marcas formuladas progressivamente, sustentadas numa vontade definida pela fundadora *assinatura geradora*.

Se as três marcas cumprem a sua enunciação como propósito de bandeira identitária e distintiva de *causas plurais*, pautizando, elas gerem agora uma consequente afirmação figurativa em forma de *mandala*. E ao ser ela desígnio para o *Desporto Universitário*, é um *símbolo de começo*, um *dizer de novo* e a cada momento, e não uma *tarefa fechada*.

Assim se convoca a construção da *Identidade visual* para uma construção de um *legado norteador* - desígnio de um domínio *Cultural e Educativo* para um *Desporto Universitário* que se quer *modelo* – como *voz orientadora de sentido de vida*.

Se hoje o momento no pós-EUG2018 é de glória, pela construção de estruturas suporte; requalificação de meios; equipamentos; e espaços edificadas – tudo feito sempre numa dignificação do lugar onde a *obra* surgiu, doando plurais potencialidades ao *exercício e vivência do Desporto* – é também um *momento zero* de um novo começo que se quer *Gerador*. Assim, e para que se cumpra uma *condição Educativa*, almeja-se ao *gesto em devir*, o saber fazer a cada tempo um *re_começar*. Sempre “Começar”, como tão bem ilustra – *norteando-nos* com a sua pintura como sinal da, e para, matiz da *nossa Cultura e Identidade* – o Mestre Almada Negreiros. Sempre “Começar” – como tão bem nos dita a *mandala*.

Os oito anéis que se abraçam na *mandala*, desenhados como corpos gregários, portam uma identidade ÚniCa, e convocam a fecunda presença contributiva, e pluridisciplinar, das oito Faculdades, parte integrante da UC, galvanizando assim, na *comunhão cooperante*, uma cada vez maior e próspera *Identidade Institucional*.

Um crescente e continuado programa civilizacional é o que chama a chama que se irradia da *mandala* desenhada. Ela surge desencadeando o levantar de valores do *Desporto Universitário* como um novo lugar de excelência na comunidade, e para a sociedade do *Ensino* e da *Aprendizagem*, motor de uma singular valorização humana. Mas também da saúde do *Corpo* das suas *gentes*, e logo das suas *Mentes*. Do *Ambiente*, e logo da *Natureza* envolvente.

Estamos assim a ler o desenho da *marca* como uma pauta que convoca a *Criação*. A composição de uma música sem paredes, numa coreografia do *Corpo* sem complexos.

Numa plasticidade performativa solta num visualismo sem constrangimentos. Num *Corpo_Natureza*. Numa *Natureza_Corpo*.

Do aqui exposto já algumas ideias dinamizadoras se fizeram enunciar, vivenciando-as nos EUG2018, estas colhidas de um projeto arquitetado com cerca de 20 modelos para a *experienciação* (*).

Assim, numa identidade que se pretendeu consequente, a criação da *marca* convocou, e constantemente desafia, o gerar de um progressivo *caminho* ascendente e evolutivo, sempre a querer cumprir *elevação*, a *elevar-se*, e a *elevar* todos os seus utentes. É esse o desígnio que pretendeu a *marca* criada para rosto do *Desporto Universitário*.

Na senda da *Educação*. Da *Cultura*. E da Universidade como uma *Escola Maior* em vibrante emissão plural de *valores* de Coimbra para o País. Do País para o Mundo. Uma locução de novos *valores*, *valores* outros, onde a competição já não seja o motor galvanizador, pois sabemos agora que “o último grande salto evolutivo da humanidade será a descoberta de que cooperar é melhor que competir” (Pietro Ubaldi).

Assim a *marcha* – a *marcha atlética cooperante* – essa *marcha* enunciada/anunciada pela *marca* em *mandala*, foi desencadeada com o empenho primeiro de que os EUG2018 surgissem como um *tempo* e *modo vestibular*. Agora, de agora em diante (e desta ágora_mandala), é tempo de uma *marcha imparável*. Um tempo de *caminho infindo* que a *mandala* desenha e convida. Toda uma pautização sempre gregária na comunhão dos Povos e dos Saberes. Na otimização dos hábitos e dos comportamentos. Ou não serão esses os desígnios da *Escola*? Da *Escola Maior* como é a *Universidade* que aqui se infere a definir o que é, ou deve ser, o *Desporto Universitário* – e a sua excelsa *Identidade*.

O desporto na *mandala* da *Educação*. *Educador*. Dá mais forte voz ao dizer que “A Educação é a chave para mudar o mundo. [Um mundo] onde as competências sociais, e emocionais, podem ser aprendidas, treinadas, [pois] algumas destas realidades adquirem-se, não se ensinam, como a empatia, a resiliência, mas é possível treiná-las. Um professor de Desporto pode sempre treinar a resiliência, a coragem, a responsabilidade pelo seu desempenho e pelo desempenho da equipa. Cada um tem de fazer o seu papel num todo, é preciso muita disciplina, muito esforço, muito treino” (Andreas Schleicher). *Educar*, ou não será essa a função do *Desporto*?

O *Desporto Universitário* na *mandala* da *Educação*. É esse tanto, tanto do significado do que nos diz a *mandala* desenhada em *Arte*. Ou não será essa a função da *Arte*?

Dizer a *marca em Arte*. Em *mandala*. Dizer a *mandala*. Da *Cultura*. Da *Educação*. Da *Civilização*. Foi esse o *desígnio do design*. Em *Arte*, na sua *Arte_Vida*.

Para o *Desporto Universitário*.

* Direção de Imagem dos EUG2018

(*) Quando o experienciado convoca continuidade #1 _Sinalética, #2 _O Mocho Aristotélico, #3 _Marca Sonora e Marca Performativa, #4 _Mostra: Identidade Visual EUG2018, #5 _Envolvente, #6 _Reciclar inventando, a partir dos suportes percíveis antes editados, #7 _"Isto é outro campeonato".



#1 _Sinalética



#1 _Sinalética

Frase batida – essa a dizer que *um dos designs do design é ser arte* – poderá trazer moldura às experiências testadas nos EUC2017, com ação consequente nos EUC2018, mormente no modo em que se fez resultar o *layout* de sinalização dos seus diferentes espaços de trabalho. O resgate de objetos dos espólios mortos de anteriores exposições e eventos – materiais residentes nos estaleiros da UC –, depois de devidamente requalificados, cumpriram função sinalética nos propósitos da comunicação pretendida, ganhando ainda pretensa *esculturalidade* para o devir de uma *arte em espaço público*. Sendo o propósito sustentado no domínio *Educativo*, pretendeu-se, aqui, não só um *exercício económico* na reutilização dos materiais, como também uma assertiva transformação das madeiras, fazendo assim *poupar a floresta*.

#2 _O Mocho Aristotélico

Mocho – elemento simbólico inscrito na heráldica da insígnia da UC, surge nesta *assinatura* numa reinterpretação diversa, sinergizando uma visita à ave, figura contemporaneamente eleita para *Mascote* dos EUC2018. **Aristotélico** – partindo da enunciação do *Movimento Gestalt*, narrativa legendando que *o todo é maior que a simples soma das partes*, consciência resgatada ao pensamento de Aristóteles, propõe-se aqui como desígnio de uma *marca nominal*. Saber este, conotativo, também de forte sentido comunitário, convidando à condição gregária e colegialidade na realização em sociedade, procurando contrariar o *euísmo*. E como propósito, aqui, na senda de uma arte de índole *sociológica*, o sublinhar do princípio gestáltico de *Unidade*, e perante a *forma*, como a nossa mente a cada momento procura resolver *vazios*.

Mocho Aristotélico – criação inédita, objeto escultural plurimodular percível (300x70x50cm), teve a composição *forma estrutural* construída com 1600 unidades de peças esféricas, de diferentes escalas, *expressivamente leves*, produzidas, por exigência da encomenda, em poliestireno (resina do grupo dos termoplásticos, matéria denominada em Portugal por esferovite, no Brasil, por isopor). Os elementos estruturais do modelo em desenho de ave – *costumizados* com a cor identitária dos EUC, *para testemunhar legado*, mereceram a aplicação de *cunho cego*, portando um ícone de solidariedade. Este um dos *oito abraços*, parte integrante do símbolo em *mandala*, *marca figurativa*, identitária, distintiva da edição de 2018 dos Jogos Europeus Universitários, iniciativa com realização em Portugal, na cidade de Coimbra. A obra (à qual se anexaram modelos em grande escala de 13 pictogramas originais da mesma autoria, *ilustrando* as diferentes modalidades em programa) foi ofertada pela Comissão Organizadora dos Jogos à Realização da Queima das Fitas de 2018, tudo para

resolver a *caraterização* dos seus espaços de ação com *compromisso temático*, neste ano evocando os EUC2018.

Objeto de forte carga semântica, potencialmente educativo, convoca ao utente desafio às múltiplas leituras que a narrativa inscrita formula, e a arte ao olhar advoga.

Convida o gesto, uma requalificação no comportamento fazendo o leitor questionar-se, devendo formular assim um assertivo gerar de novas sinergias e modos. *Copyright*: Mocho Aristotélico, 2018. Conceito e Projeto: António Barros; Modulação e Produção: Ateliê L_L, Almalaguês; Edição: EUC2018_ European Universities Games.

Para demonstração do potencial de Formação desta experiência, uma Aula Pública foi realizada no contexto da *Universidade de Verão*, edição de 2018, da Universidade de Coimbra, a convite da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

#3 _Marca Sonora e Marca Performativa

A *Identidade Visual* com a imagem distintiva de uma *mandala* convocou uma *Marca Sonora* dialogante, esta a surgir sustentada em princípios que resultassem cúmplices, sinergisadores, e harmónicos.

Para esta realização, o domínio de Identidade de Imagem para os EUC2018 norteou convite ao compositor Vítor Rua - músico que inscreveu o grupo *Telectu* com Jorge Lima Barreto (1949-2011) musicólogo com cúmplice relação com a Academia de Coimbra [CAPC; CITAC; TAGV], cujo espólio foi nesta temporalidade oferecido pela família à UC, Faculdade de Letras, Estudos Artísticos.

Para concluir a triangulação da *marca [Visual_Sonora_Performativa]* de modo conjugado, foi considerada a coreógrafa Vera Mantero e, por indisponibilidade, transitou o convite para a performer Vânia Rovisco que surgiu autora da peça de *movimento*, com edição de António Duarte, para *Marca Performativa* dos EUC2018.

#4 _Mostra: Identidade Visual EUC2018

Com duas edições, realizou-se uma *mostra modular* – exposição ilustrativa dos materiais editados no domínio do *Design de Comunicação*.

A *mostra* apresentada em diferentes locais de vivência fez conduzir o público utente dos EUC à leitura de uma particular afirmação de *marca*, sua fundamentação, como ainda alertar para os modos de *socialização* testados como exemplos de *cidadania*.

#5 _Envolvente

A ruína do *auditório ao ar livre* [à entrada da Escola Poeta Manuel da Silva Gaio] foi, com escassos meios e reduzido tempo, ajardinada, tendo sido trabalhado assim, com vegetação cuidada recolhida no Horto Municipal, um *cenário* aprazível e onírico – suporte para o acolhimento e repouso dos atle-

tas utentes. Toda uma imagem digna e contida nos meios da sua produção, procurando *educar*. Sempre num elegante *resolver-se com a natureza*.

Do projeto para um **Programa Cultural** arquitetado, sublinhe-se aqui, ainda, algumas das ideias geradas, e que podem resultar como realidade consequente: A. A *Mandala_Fonte*. Escultura. Obra de arte em espaço público.

B. Indicativos para um *Museu Académico* educativo e operativo – Uma escultura sonora como Ilha de Troféus [Projeto arquitetado para apresentação no Convento de São Francisco_Centro de Congressos].

C. O vitrinismo urbano como modo envolvente da cidade. Revisitando uma experiência já antes testada [“A Universidade vai à Baixa”, Revista Rua Larga #36, dezembro 2012].

D. Dizer o nome de Manuel da Silva Gaio num gesto evocativo da obra do poeta [personalidade que é referente nominal da escola hospedeira do Centro de Gestão dos EUC2018], numa monografia em diferentes idiomas.

E. Reconhecer a obra arquitetónica para o Desporto Universitário de Alberto José Pessoa e João Abel Manta. Apresentação expositiva.

F. Da obra gráfica de João Abel Manta, residente nas Instalações Académicas da UC. Edição monográfica e expositiva.



#5 _Envolvente

G. Tenda ciclорâmica e suporte de projeção urbana. Peça escultural a resultar como Obra de Arte em Espaço Público. É o objeto estrutural estudado para residir também em interior edificado [exemplo: Pavilhão Mário Mexia] anulando o envolvente permitindo um suporte cénico de excelência para exploração de design de luz, cenografia, cinema e multimédia. A sua implementação no exterior permite além do ciclorama a projeção direta e a afirmação como objeto de arte.

H. Troféu JUC 2019. A aplicação da marca Mandala em outras iniciativas e unidades do Desporto Universitário, e como realidade consequente, é já prática implementada, como sucede na afirmação da identidade do GDUC e dos JUC_Jogos Universidade de Coimbra, para os quais foram criados, também, originais troféus, entre outras peças diversas.

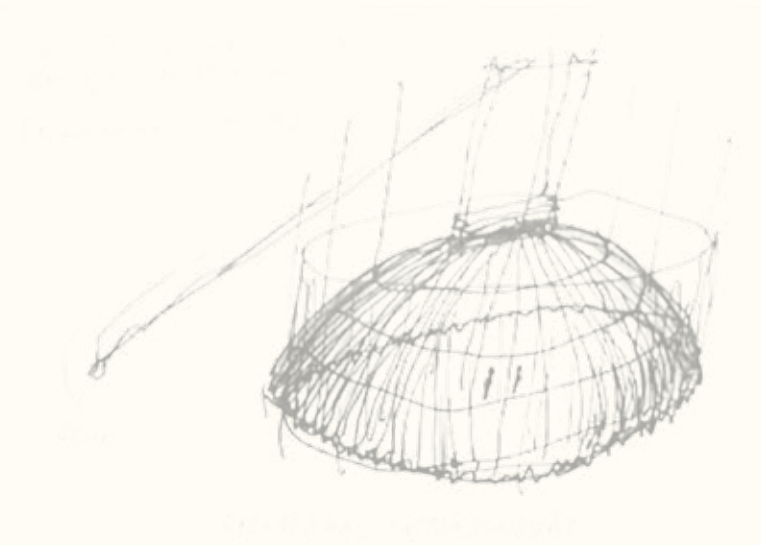


#4 _Mostra: Identidade Visual EUG2018

#2 _O Mocho Aristotélico_ desígnios para uma Aula Aberta



#7 _"Isto é outro campeonato" "Isto é outro campeonato. Oferecer biscoitos sírios em vez de flores" – foi título de artigo na revista VISÃO (Jornalista: Luísa Oliveira) _" ... Maysa e Ali e os seus três filhos [dedicaram-se] a fazer biscoitos típicos à base de tâmaras e sésamo para dar aos desportistas"
<http://visao.sapo.pt/actualidade/sociedade/2017-08-01-isto-e-outro-campeonato-oferecer-biscoitos-sirios-em-vez-de-flores>
 Apoiar as famílias dos refugiados sírios em Portugal, como desígnio de *Civilização, Educação e Cultura*, foi também condição de marca.



G. Tenda ciclорâmica e suporte de projeção urbana



H. Troféu JUC 2019

#6 _Reciclar inventando, a partir dos suportes perecíveis antes editados
 O mobiliário desgastado e já em depósito morto da escola Poeta Manuel da Silva Gaio [escola parcialmente reprogramada num dos seus segmentos para mutualista acolhimento do Centro de Produção dos EUG2018] retomou funções operativas de modo original. Esse mobiliário requalificado surgiu, então, vestido com produtos usados, portando estes a marca cromática e formal distintiva da iniciativa EUG2018. A economia de meios e a celeridade da produção, envolvendo as oficinas artesanais da comunidade próxima da iniciativa, reforçou cumplicidades, gerando *ensinamento* e valor *económico*.



Para concluir o testemunho inscrito neste Legado [Desporto Universitário_EUC2017 / EUG2018] cumpre-me agradecer o expresso – a seu tempo e para este programa – profissionalismo, dedicação e empenho da equipa do PIMC_UC, mormente de Catarina Pinto, Henrique Patrício e Sara Baptista; do TAGV_UC, Laurindo Rodrigues da Fonseca; como também, e não menos, as sinergias e reconhecimento público pelo Senhor Vice-Reitor para o Desporto, Professor Doutor Amílcar Falcão, e a preferência e confiança do Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra Professor Doutor João Gabriel Silva.

dupla de sangue, suor e lágrimas

MARTA POIARES *

Há quem diga que quando somos irmãos de alguém, somos parte irrevogável de uma equipa. No caso de Afonso e Dinis Costa, o ditado é literal. Partilham sangue e ofício – pelo menos, aquele que faz deles uma das duplas mais faladas do remo português. Nem sempre foi assim – isto é, uma equipa. Há 13 anos, em Setúbal, entraram para o Clube Naval Setubalense, por força da geografia e da vontade: “Como a nossa cidade está, inevitavelmente, ligada à água e aos desportos náuticos, desde pequeninos que somos apaixonados pela modalidade.” Uns anos depois, Coimbra pôs-se no caminho por duas razões: estando lá sediada a Federação Portuguesa de Remo – e querendo os irmãos Costa seguir os estudos numa universidade –, a opção foi óbvia: “Viemos primeiro por causa do remo, para aperfeiçoar a modalidade, e, em seguida, pelo(s) cursos”, explicou Dinis Costa, 20 anos. O futuro olímpico estava, também, já na mira: “Sempre tivemos o sonho de entrar na alta competição e de, um dia, chegar aos Jogos Olímpicos. Mas também nos queríamos formar. Coimbra era, sem dúvida, a melhor hipótese do país. Conjugava as duas coisas”, conta Afonso, 22 anos. À margem do rio, tanto Afonso como Dinis têm o seu lado B – ou A, dependendo do ponto de vista. Afonso escolheu Geografia para licenciatura, Ecoturismo para pós-graduação, e Ensino de Geografia para mestrado. As preocupações ambientais, avançadas pela relação próxima com a natureza, sempre estiveram lá, e quanto ao ensino, do jeito se fez gosto: “Acho que tenho jeito para ensinar miúdos. E adoro Geografia. Logo, era só juntar ambos.” Dinis, por outro lado, viu na Informática um meio de criação de conteúdo, um dos seus interesses de sempre: “Apercebi-me de que, com um computador, era capaz de criar sem limitações. Foi este o principal motivo para escolher estudar Engenharia Informática na Universidade de Coimbra (UC).”

Quanto ao seu dia a dia, os irmãos explicam que mais se define por *hora a hora*: “Passa tudo tão rápido, que nem me apercebo de o dia terminar”, desabafa Dinis. A rotina é exaustiva até para quem só ouve contar: um treino antes das aulas, um treino depois das aulas – todos os dias. Para Dinis, foi difícil encontrar balanço: “Conciliar treinos com estudos revelou-se uma dificuldade. Perdi o meu primeiro ano da faculdade, por falta de tempo e organização. Optei, então, por fazer apenas três unidades curriculares por semestre, para conseguir realizar os meus treinos na totalidade, descansar o suficiente e ter tempo para estudar.” Afonso, já no mestrado, tem um relato ligeiramente diferente: “Como só tenho aulas dois dias por semana, estou mais tranquilo. Só acordo às seis da manhã um dia por semana. É complicado e a rotina pode parecer algo monótona, vezes de mais.” Tanto Afonso como Dinis garantem que a performance desportiva – principalmente, a competitiva – ajuda a performance académica: “Há treinos tão duros, que acabas por enfrentar a exigência da escola (e até algumas adversidades) de uma maneira bem mais sorridente. Passamos por muito, dentro de água”, garante Afonso. Nem sempre estiveram juntos dentro de água. Mas, curiosamente, não foi o apelido que os juntou. “Apesar de sermos irmãos e de sermos do mesmo clube, como temos dois anos de diferença, nunca conseguimos estar no mesmo escalão, ao mesmo tempo”, explica Afonso. Foi em Coimbra, nos testes de velocidade para a Seleção, que o cronómetro decidiu por eles: “Por acaso, fomos os dois mais rápidos. Ficámos no barco 2, que é a aposta da Federação.” A cumplicidade entre ambos é tão única como a tripulação. Mas trabalho nunca deixa de

ser trabalho: “A cumplicidade traz os dois lados da moeda. Tanto evoluímos, pela confiança, como temos desacatos, por sermos irmãos.” Certo é que juntos são sempre maiores: “Sozinhos evoluímos muito – estamos por nós e ninguém nos atrapalha. Mas com o meu irmão, sinto sempre que vou mais longe”, garante Dinis. A perspetiva de evolução é, sem dúvida, o que os mantém com foco no objetivo, sem tropeções de preguiça – ou desânimo – à mistura: “Motiva-te veres o teu corpo a ficar cada vez mais forte, os números a ficarem cada vez melhores. Porque depois, chegas *lá fora* e fazes, realmente, a diferença.” Diferença foi também o que fez a representação da UC na quarta edição dos Jogos Europeus Universitários, realizada em julho de 2018, em Coimbra – sobretudo, no que diz respeito à harmonia de estudos e treinos: “Antes, não tínhamos o apoio de precisávamos para conseguir conciliar as duas facetas.

O orgulho não via fim: “As pessoas disseram-nos que fizemos algo grande. E fizemos.” Apesar de os prémios não serem o foco de nenhum dos dois, há medalhas que nunca vão esquecer, como descreve Afonso: “Há prémios que destaco na minha secretária. Prémios para os quais precisei de me dedicar muito mais. Olho para eles como uma espécie de vitória. Lembro-me de que é por isto que estou cá.” Além dos prémios, é dos de sempre que vêm os maiores apoios: “A nossa mãe, primeiro. Se não fosse ela, não seríamos os dois mais rápidos. Depois, o Clube Naval Setubalense e Federação Portuguesa de Remo. E agora, a UC, sem dúvida. São apoios fundamentais.” Alguns apoios foram mesmo decisivos para poderem continuar: “Houve uma altura em que estivemos perto de abandonar os estudos, porque estivemos sem apoios. Felizmente, com os bons resultados que tivemos, conseguimos uma bolsa de estudo, dos Jogos Santa Casa da Misericórdia, que nos permitiu continuar”, revela Afonso. Na janela do futuro, só uma imagem persiste – tanto para Afonso como para Dinis: os Jogos Olímpicos de 2020, no Japão. “Levanto-me da cama e só posso olhar para Tóquio. Tóquio, sempre.”, diz Afonso, assertivo. No decorrer dos dias, é esse outro lado do mundo que lhes traz mais motivação. Afinal, “são dois lugares em Portugal. E temos de ser top 11 do mundo. Com tantos países de excelência, principalmente na Europa, no remo, é muito complicado”, admite Afonso. Mais ainda quando se conciliam dois lados da mesma vida: “Uma coisa não implica que tenhamos de deixar a outra. Mas, por vezes, temos de escolher – e o remo fica à frente dos estudos.” Para lá chegar – a Tóquio –, não trabalham para nada mais do que a perfeição: “Todos os atletas de alta competição deveriam ter o objetivo de alcançar”, resume Dinis. Se acham que a prática leva à perfeição? “Sim.” Se trabalham para a excelência? “Sempre”, entoam.



G. o nadador de sonhos

NUNO CARRILHO *

ADOLESCÊNCIA

1, 2, 3 — respiração

1, 2, 3 — respiração

1, 2, 3 — respiração

G. já não contava as braçadas. Após tantos anos de prática de natação e horas de treino, o gesto de nadar e respirar dentro de água era tão inconsciente e automático como o bater do coração. Talvez por isso, quando não treinava, sentisse a falta da água a envolver-lhe a pele, abafando os sons que conseguiam penetrar até aos seus tímpanos, entre viragens, azulejos, sempre de cor azul-turquesa (exceptuando os da linha central que eram brancos), como uma quilha orientadora que sinalizava, também, a aproximação da parede como uma sonda subaquática. Esta sensação de estar rodeado de uma matéria líquida transmitia-lhe segurança, talvez dando razão à sua mãe, que lhe repetia, sempre que podia: G. tu sentes é falta de estar dentro da minha barriga... Isso explica porque nasceste com quase 44 semanas e, mesmo assim, a custo.

1, 2, 3 — respiração, braçada, enrolar o tronco, dobrar as pernas, contacto com a parede, alinhar o corpo, mão sobre a mão, braços esticados ao lado da cabeça, tal como uma seta, empurrar e sair em ondulações como uma sereia, com a agilidade de um golfinho, até emergir novamente uns metros mais à frente e retomar...

1, 2, 3 — respiração

1, 2, 3 — respiração

Hoje o treino era longo, mas pouco intenso e, por isso, ia ter muito tempo para construir novos mundos subaquáticos nas compridas séries de 400 metros que tinha pela frente. Nadava, naquele momento, com os olhos bem abertos e procurava pequenos elementos que pudesse transformar em estórias.

1, 2, 3 — respiração

1, 2, 3 — respiração

“est... bum...” ou parecia-lhe ter escutado isso no meio dos sons abafados pela água, enquanto olhava para o lado e via o treinador com o polegar levantado, gesticulando e indicando que estava a realizar as séries na intensidade pretendida.

1, 2, 3 — respiração

1, 2, 3 — respiração

Um pedaço de adesivo passava calmamente a um metro de G., flutuando como se fosse uma gaivota a planar dentro de água, sem pressa de chegar aonde pretendia, e deslizando sobre a corrente que os nadadores faziam ao irem e virem sem conta. Aquele adesivo, meio transparente, era o oposto de todas as pessoas naquela piscina, pensou G.. Olhando para um lado, e para o outro, todos, naquela fase do treino, pareciam ter pressa de chegar e partir, para onde? G. não saberia responder, mas já tinha sentido o mesmo na hora de ponta, onde as filas de carros se amontoavam, os autocarros lotados e as pessoas de olhar vazio, apressadas.

1, 2, 3 — respiração

1, 2, 3 — respiração

Lá fora, os treinadores continuavam a berrar palavrões aos seus atletas, muito provavelmente por não estarem a cumprir com o guião que lhes tinha sido atribuído nesse dia, e que por isso estavam tão frustrados como um qualquer encenador de teatro que, em cima da hora, sentia o mundo ruir por um dos actores se ter esquecido de dar a entoação certa a uma frase repetida mil vezes em ensaios prévios. Mas o actor não tinha a energia certa todos os dias e hoje estava um pouco mais cansado do que o habitual para vestir a personagem que lhe tinham dado a interpretar.

1, 2, 3 — respiração, braçada, enrolar, dobrar, esticar os braços, empurrar e ondular o corpo e pernas como uma sereia e respirar.

1, 2, 3 — respiração

1, 2, 3 — respiração

Mais 50 metros e termino esta série, pensou G.

1, 2, 3 (com mais vigor, alongando bem as braçadas, sentindo a força que o fazia deslizar mais) — respiração

Repetiu, associando uma cadência de pernas um pouco mais elevada, ainda que não fosse seu estilo uma cadência tão alta de batimento de pernas quando nadava *crawl*.

1, 2, 3 (aumento da cadência de pernas) — respiração

Após a viragem, fixou a linha branca até onde conseguia vislumbrar, com o objetivo de saber onde estava o fim da série, movimento este que desalinhou a cabeça em relação ao tronco, perdendo hidrodinâmica, que compensava automaticamente com braçadas mais afastadas do corpo e, por isso, menos eficazes.

1, 2, 3 (manutenção da cadência de pernas) — respiração

Tinham desvanecido as ideias que o acompanhavam nos 50 metros anteriores, como muitas vezes acontecia quando retomava a consciência do ato de nadar.

Tocou com a mão direita na parede. Levantou a cabeça, respirando de forma profunda, mas calma, pois sentia que o corpo e os músculos estavam a reagir bem ao esforço. Sentia que podia acelerar mais.

G., porque estás a ir tão rápido? Eu disse-te que estavas bem na outra viragem, porque é que aceleraste, porra? Estás com pressa de terminar o quê? Queres ir já embora, é isso? É sempre a mesma merda! Não fazem o que lhes mando fazer. Pensam que já sabem tudo. Foda-se para isto! E tu M., pelo contrário, não te apetece treinar hoje, também queres ir embora com o G., é isso?

G. sabia que o treinador tinha razão, tinha-se desconcentrado nos últimos 50 metros, e em vez de manter a cadência, caíra na asneira de corresponder ao desejo do corpo e ir mais depressa. Não seguir as cadências e a intensidade pedidas pelo treinador eram a morte do nadador, porque depois, em prova, não saberia controlar o esforço. Mas também havia alturas em que ele pedia mais intensidade, e o corpo dizia exactamente o oposto... Pensando bem, disse G. para si mesmo, é melhor aproveitar estas séries longas que são mais fáceis de cumprir.

O treinador continuava a fazer o seu papel de encenador, berrando de forma aleatória com todos os seus atores, que fingiam escutar muito atentamente. Já sabiam que ele era assim, há alguns anos que eram treinados ou tinham tido contacto com ele nos escalões mais jovens. Com o tempo, tinham aprendido a construir um pequeno muro de protecção contra os seus maus humores, quando não faziam a série com a intensidade que ele pretendia, ou roubavam alguns metros, ou simplesmente não percebiam o exercício. Eram momentos cénicos complicados e tensos, e nem todos os colegas de treinos lidavam bem com isso. Uns eram nitidamente mais admoestados que outros e pouco servia a compensação antes e depois dos treinos, onde o treinador mudava totalmente de atitude. Fora do treino, assumia papel de um segundo pai, sendo que muitos dos atletas passavam mais horas na sua companhia do que os seus próprios pais.



Os seus pensamentos foram abruptamente interrompidos pelos gritos do treinador:

Vamos lá começar de novo, mas agora quero que façam ao ritmo que vos pedi... G., não quero que aceleres no fim, concentra-te... M., tenta acompanhar a C., que está a fazer o tempo que deverias estar a fazer. O primeiro a sair... ATENÇÃO... VAI!

Empurrou a parede com toda a força e esticou-se todo, para aproveitar esse impulso; começou a ondular tal como um golfinho, mas sem muita intensidade, como o treinador tinha pedido, emergindo no plano de água a uma cadência de três respirações,

1, 2, 3 — respiração

1, 2, 3 — respiração

Por baixo de G., um risco branco que terminava nos topos em forma de T.

1, 2, 3 — respiração

1, 2, 3 — respiração, braçada, enrolar, dobrar, esticar braços, empurrar, ondular o corpo e pernas como uma sereia e respirar.

1, 2, 3 — respiração

G. continuava o seu treino, agora, pensou ele, dando o exemplo às crianças mais novas que olhavam para ele como ele tinha olhado para os outros, como um ser grande, resistente e rápido. No futuro, alguns deles iriam representar o mesmo papel dele, e talvez G. o papel do seu treinador.

G. continuou as suas séries de 400 metros a sonhar com o que via no fundo da piscina, com o que o treinador lhe dizia, com o tocar na anca de M., com quem tinha encontro agendado no dia seguinte antes do treino, com o teste de Matemática que tinha amanhã, a tentar adivinhar qual era a comida que iria jantar ou com a continuação do livro que estava a ler sobre um estranho numa terra estranha, vindo de uma terra sem água e sem sonhos.

1, 2, 3 — respiração

1, 2, 3 — respiração

ADULTO

1, 2 — respiração

1, 2 — respiração

G. já não conseguia, como dantes, respirar de três em três, muito menos imaginar fazer 400 metros seguidos em *crawl*. Continuava a sentir um chamamento de passar uma hora por dia imerso em água – que raramente conseguia concretizar devido ao trabalho, além do nadar já não parecer tão natural como respirar. Rapidamente ficava cansado e sentia dificuldade em sentir conforto em deslizar a cada braçada.

1, 2 — respiração, enrola o corpo de forma desarmoniosa, atira as pernas para fora do plano de água antes de atingir a parede de forma descoordenada e, com os braços desalinhadados e quando tenta impulsionar a parede, ela não está lá, tocando-a de forma frouxa, tal como o empurrão na parede. Cansado, nem tenta ondular o corpo debaixo de água, vindo rapidamente à superfície da água respirar.

1, 2 — respiração

1, 2, 3, 4 — respiração

1, 2 — respiração

Esta memória do vazio que nos deixa em tal escuridão

Onde os abismos são viagens sem retorno

Onde lá bem no fundo

Onde antes havia aquele azulejo quadrado de cor azul-turquesa

Separado por linhas brancas

Distorcidas pelas águas movidas pelos nossos braços

E pernas, para não irmos ao fundo,

Só vejo lodo e pressinto toda a sujidade dos esgotos em redor

Lançada para esse mesmo lugar

Conspurada por esta estaca

Espetada a meio do meu tronco

Preso a uma memória ainda sem palavras para a narrar.



PRÊMIO JOAQUIM DE CARVALHO 2018

Título: *Alguns Homens do Meu Tempo e outras memórias de Jaime Batalha Reis* (2017)

Autora: Elza Miné

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Ano: 2017

A cerimónia de entrega da 9.ª edição do Prémio Joaquim de Carvalho ocorreu no passado dia 7 de dezembro de 2018, pelas 12 horas, na Sala dos Atos da Universidade de Coimbra. A obra de Elza Miné *Alguns Homens de meu Tempo e outras memórias de Jaime Batalha Reis*, selecionada pela Imprensa da Universidade de Coimbra (IUC) para a atribuição do Prémio Joaquim de Carvalho 2018, constitui-se como um documento biográfico original, revelando, através das memórias de Batalha Reis, uma perspetiva vívida do século XIX e início do século XX, em Portugal (e das suas relações com outras partes do mundo, nomeadamente o Brasil), e de algumas das suas personagens mais centrais. Associando simultaneamente uma prosa sofisticada e fluida e uma descrição colorida de pormenores, ora essenciais, ora peculiares, de alguns dos Homens da Geração de 70, como Eça de Queirós, Antero de Quental, Oliveira Martins, João de Deus, Columbano Bordalo Pinheiro, entre outros, a magnífica obra de Elza Miné, produto de um profundo trabalho de pesquisa e reconstituição dos escritos de Batalha Reis – dando corpo a um projeto que o próprio visava

concretizar sem o ter conseguido em vida – constitui-se indiscutivelmente como um documento histórico-cultural de significativo relevo e um quadro essencial de uma época, de uma geração, de uma forma de pensar e de agir, que marcaram indelevelmente o Portugal moderno. Como se afirma na obra “se nas páginas que se seguem se inscreve a leitura de um dado tempo, o meu, fatalmente também se insinuam, entre os meus amigos, muitos traços de mim próprio...”.

Na verdade, a obra premiada, reunindo um vasto espólio de relatos, episódios, publicações de imprensa, ensaios e documentos pessoais, é dotada de grande originalidade e pertinência. Originalidade, desde logo porque é escrita em discurso direto, pelo empréstimo da voz de Jaime Batalha Reis e pelo prisma analítico de uma experiência vivida; pertinência, pela sistematização de contributos que reúne, de reflexões que permite sobre o próprio “narrador” e o seu circunstancialismo, e de retratos pictórico-culturais que desenha e que partilha, de forma simultaneamente rigorosa e acessível, com um público não especializado.

Elza Miné, doutorada em Literatura Portuguesa pela Universidade de S. Paulo, onde leciona, e especialista em literatura e imprensa do século XIX (Brasil e Portugal) da Geração de 70, oferece-nos, pois, um trabalho ensaístico, fruto de um percurso em filigrana pelo espólio depositado no Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea da Biblioteca Nacional (Portugal). Neste trabalho, a autora não escreve sobre Batalha Reis; escreve-o. Permite um melhor conhecimento do seu percurso, das relações de amizade que cultivou com homens de referência na cultura e na política portuguesas, e da sua bibliografia ativa, incluindo as participações na imprensa em Portugal e no Brasil. Jaime Batalha Reis, um homem que abdicou de uma carreira no mundo das letras, para a qual estava vocacionado, e se dedicou, a par da sua vida profissional, primeiro como professor e depois como diplomata, ao desiderato de dar a conhecer e valorizar os seus amigos, bem como a dar realce ao trabalho de artistas portugueses, alguns dos quais, não foram as suas crónicas, estariam hoje totalmente esquecidos.

Neste sentido, a IUC decidiu atribuir o Prémio Joaquim de Carvalho 2018 ao livro *Alguns Homens do Meu Tempo e outras memórias de Jaime Batalha Reis* (2017), pela pertinência da obra na difusão cultural alargada e acessível a um largo espetro de leitores de um período marcante da História portuguesa e dos laços culturais e fraternos com o Brasil, pela originalidade da abordagem e pelo trabalho intenso, sério e minucioso de pesquisa que comporta.

Os nossos parabéns à autora, que soube produzir este documento de grande interesse, deixando-nos um legado que manifesta o laço indestrutível de todos nós com a nossa História, e com Homens de cada tempo, e que, como tal, ultrapassa fronteiras geográficas e temporais e se consubstancia no que temos, vivemos e aprendemos em comum.

Coimbra, 4 de dezembro de 2018

LIVROS:

Título: *Termos Filosóficos de Epicuro*

Autor: Markus Figueira da Silva

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Ano: 2018

Título: *Escrever para não morrer: retórica da imortalidade no*

epistolário de Damião de Góis

Autor: Luiz César de Sá Júnior

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Ano: 2018

Título: *La influencia de Os Lusíadas de Camões en la épica en castellano (1578-1627)*

Autor: Cidália Alves dos Santos

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Ano: 2018

Título: *Gil Vicente: Compêndio*

Coordenação: José Augusto Cardoso

Bernardes, José Camões

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Ano: 2018

Título: *A Lusitânia e a Galécia – do séc. II A.C. ao séc. VI D.C.*

Autor: Jorge de Alarcão

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Ano: 2018

Título: *História Antiga: Relações*

Interdisciplinares. Fontes, Artes, Filosofia, Política, Religião e Receção

Coordenação: Carmen Soares,

José Luís Brandão, Pedro C. Carvalho

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Ano: 2018

Título: *História Antiga: Relações*

Interdisciplinares. Paisagens Urbanas, Rurais & Sociais

Coordenação: Carmen Soares,

José Luís Brandão, Pedro C. Carvalho

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Ano: 2018

Título: *Janus: innovación docente y reelaboraciones del legado clásico*

Coordenação: Lorena Jiménez

Justicia, Alberto J. Quiroga

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Ano: 2018

Título: *Proteção contra radiações*

na comunidade dos países de língua portuguesa

Coordenação: Luís Neves

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Ano: 2018

Título: *Antologia grega. Epigramas*

de autores cristãos: (livros I e VIII)

Autor: Carlos A. Martins de Jesus

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Ano: 2018

REVISTAS:

Título: *Antropologia Portuguesa N.º 35*

Coordenação: Cristina Padez

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Ano: 2018

Título: *Biblos N.º 4. 3.ª Série*

Coordenação: Rita Marnoto

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Ano: 2018

Título: *Humanitas 72*

Coordenação: Carmen Isabel Soares

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Ano: 2018

Título: *Media & Jornalismo 33:*

Comunicação estratégica institucional e organizacional

Coordenação: Estrela Serrano,

Ana Margarida Barreto

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Ano: 2018

Título: *Psychologica 61-2*

Coordenação: Rui Paixão

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Ano: 2018

Título: *Revista Portuguesa*

de Pedagogia 52-1

Coordenação: Ana Seixas

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Ano: 2018

Título: *Atlantis 24*

Coordenação: Delfim F. Leão

& Gabriele Cornelli

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Ano: 2018

caminhos

21.ª SEMANA CULTURAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA_



MARÇO

DIA 1 | SEX

10h00 | Observatório Geofísico e Astronómico
COMEMORANDO A VIAGEM DE FERNÃO DE MAGALHÃES *Sessão no Planetário OBSERVATÓRIO GEOFÍSICO E ASTRONÓMICO*

10h00 | Museu da Ciência
LUZIA *Instalação artística FELIPPE MORAES*

15h00 |
729 ANOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Sessão Comemorativa REITORIA DA UC

16h00 | Faculdade de Farmácia
CAMINHOS DA CIÊNCIA PORTUGUESA:
DA QUINA À QUININA *Exposição FACULDADE DE FARMÁCIA*

16h00 | Museu da Ciência
OCEANFALL *Instalação artística ANTÓNIO AZENHA*

17h00 | Estúdios da Rádio Universidade de Coimbra
MEMÓRIAS: CAMINHO DA LIBERDADE *Entrevista RÁDIO UNIVERSIDADE DE COIMBRA*

18h00 | Local público da cidade
CÁPSULA DO TEMPO *Instalação artística CAPC*

18h00 | Museu da Água
RIOS DE PORTUGAL: INVERTEBRADOS *Conferência MARE EM COLABORAÇÃO COM A PROAQUA E MUSEU DA ÁGUA*

21h30 | Teatro Académico de Gil Vicente
VELHOS E NOVOS CAMINHOS
Concerto de Abertura DAUC

DIA 2 | SÁB

10h00 | Observatório Geofísico e Astronómico
O QUE NOS DIZ O SOL?
Visita Guiada OBSERVATÓRIO GEOFÍSICO E ASTRONÓMICO

10h30 | Salão Brazil/Centro Histórico de Coimbra
UMA, NENHUMA E CEM MIL HISTÓRIAS DO JAZZ
Laboratório de Criação Artística JAZZ AO CENTRO/SALÃO BRAZIL, SERVIÇO EDUCATIVO

15h00 | Praça da República
RÚRBANIDADE *Performance ALEXANDRE VALINHO GIGAS*

DIA 3 | DOM

15h00 | Casa da Esquina e Escolas do concelho de Coimbra
CAMINHOS ALTERNATIVOS
Espectáculo de poesia encenado para a infância CAMALEÃO ASSOCIAÇÃO CULTURAL

DIA 4 | SEG

16h00 | Galeria de exposições do DARQ
CIRCUITO INTERNO *Exposição/instalação DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA*

17h00 | Colégio da Graça, Rua da Sofia
CAMINHOS QUE ABRIL ABRIU *Exposição CD25A, COM APOIO DO CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS*

DIA 5 | TER

10h00 | Faculdade de Letras, Sala do CLP
CAMINHOS DA LITERATURA NO MATLIT LAB
– UM LABORATÓRIO DE HUMANIDADES *Exposição COORGANIZAÇÃO DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS, DOUTORAMENTO EM MATERIALIDADES DA LITERATURA E CLP DA UC*

DIA 6 | QUA

14h30 | Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física
O PROJETO BRIDGE E OS CAMINHOS EUROPEUS DOS JOGOS TRADICIONAIS *Conferência LUDUS: LABORATÓRIO DE JOGOS, RECREAÇÃO, LUTAS TRADICIONAIS E CAPOEIRA – FCDEF*

15h00 | Museu da Ciência da UC
TRÊS MAGALHÃES *Colóquio MCMC*

17h00 | Biblioteca da Química e da Física, Museu da Ciência da UC e Rómulo – Centro Ciência Viva
AO ENCONTRO DA TABELA PERIÓDICA, DOS ELEMENTOS E DAS MOLÉCULAS
Palestras e Atividades de Divulgação Científica DEPARTAMENTO DE QUÍMICA COM A COLABORAÇÃO DO MUSEU DA CIÊNCIA DA UC E RÓMULO – CENTRO CIÊNCIA VIVA.

18h00 | Mini-Auditório Salgado Zenha, AAC
VEM FAZER ESTE FILME, CAMINHOS!
Cinema CEC-AAC

21h30 | Teatro Académico de Gil Vicente
CRAVO E CANELA *Concerto ORFEON*

DIA 8 | SEX

09h30 | Faculdade de Letras
ENTRE O PASSADO E O PRESENTE... UM LONGO CAMINHO A PERCORRER *Colóquio GRUPO DE ESTUDOS DE RECREAÇÃO DO CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS*

14h30 | Faculdade de Letras
CAMINHOS DE ORAÇÃO, CAMINHOS DE SABER EM COIMBRA *Palestra e visita guiada MARIA AMÉLIA ÁLVARO DE CAMPOS (CHSC-UC); SANDRA MG PINTO E MILTON PACHECO (CHAM-FCSH/NOVA; CIEC-UC)*

18h00 | Museu da Água
RIOS DE PORTUGAL: PEIXES *Conferência MARE EM COLABORAÇÃO COM A PROAQUA E MUSEU DA ÁGUA*

21h30 | Teatro Académico de Gil Vicente
A CRIADA ZERLINA *Teatro ENCENAÇÃO DE JOÃO BOTELHO TAGV CONVERSA PÓS-ESPETÁCULO COM JOÃO BOTELHO*

DIA 9 | SÁB

09h00 | Estádio Universitário de Coimbra/FCDEF
A CAMINHO DA INCLUSÃO I – ENCONTRO DESPORTIVO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL *Jogos e outras atividades lúdicas FCDEF*

09h00 | Cantina central (Azuis) – Sala B
ACORDAR COIMBRA *Concurso de ideias JÚNIOR EMPRESA DE ESTUDANTES DA FEUC*

18h00 | Casa das Caldeiras
POSEIDON'S ATTACK *Performance ANTÓNIO AZENHA*

DIA 10 | DOM

10h00 | Arcos do Jardim (entrada do Jardim Botânico)
COIMBRA CIDADE: PRESENTE DE CAMINHOS PASSADOS E FUTUROS *Visita guiada SAÚDE EM PORTUGUÊS*

DIA 11 | SEG

Todo o dia | Montras de lojas da Baixa de Coimbra
DESENHAR CARTAZES COM/PARA O CAMINHO
Instalação artística COMPUTATIONAL DESIGN AND VISUALIZATION LABORATORY

17h30 | Sala de S. Pedro, Biblioteca Geral
DA BIBLIOTECA À SABEDORIA: OS CAMINHOS DO LIVRO *Exposição BIBLIOTECA GERAL DA UC*

DIA 12 | TER

14h00 | Faculdade de Medicina, Polo III
USOS E CAMINHOS DAS PLANTAS MEDICINAIS
Exposição e Palestra FMUC

14h30 | FMUC e Biblioteca das Ciências da Saúde, Polo III
O PAPEL DAS FONTES BIBLIOGRÁFICAS E DAS COLEÇÕES UNIVERSITÁRIAS NOS CAMINHOS QUE LÉVAM AO DESENVOLVIMENTO DE NOVOS MEDICAMENTOS *Palestra e exposição FMUC*

18h00 | Casa da Esquina
AGORA É QUE SÃO ELAS! SENTIDOS PARA A IGUALDADE *Ciclo de Conversas GRAAL e CASA DA ESQUINA*

21h30 | Teatro Académico de Gil Vicente
LABIRINTOS *Gala Solidária RAQUEL RALHA & PEDRO RENATO + A JIGSAW REITORIA DA UC*

DIA 13 | QUA

10h00 | Departamento de Matemática, Largo D. Dinis
OS CAMINHOS DO SÉCULO XXI – A OBSERVAÇÃO DA TERRA E A INFORMAÇÃO GEOESPACIAL *Conferência DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA DA FCTUC*

21h00 | Teatro Académico de Gil Vicente
PELOS CAMINHOS DA 7.ª ARTE *Concerto CORO MISTO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA*

DIA 14 | QUI

20h30 | O Bazófiás. Barco turístico do Mondego
OCUPAÇÃO LITERÁRIA «DESVIAGEM» *Performance SECCÃO DE ESCRITA E LEITURA DA AAC (SESLA)*

DIA 15 | SEX

10h00 às 18h00 | Tipografia Damasceno
TIPOGRAFIA DAMASCENO – 50 ANOS

Oficina de Tipografia JOANA MONTEIRO (CLUBE DOS TIPOS/EDITORIA DOS TIPOS)

16h30 | Museu da Ciência
HISTÓRIAS DE EXPEDIÇÕES BOTÂNICAS *Exposição MUSEU DA CIÊNCIA E HERBÁRIO DA UNIVERSIDADE*

18h00 | Museu da Água
RIOS DE PORTUGAL: AVES *Conferência MARE EM COLABORAÇÃO COM A PROAQUA E MUSEU DA ÁGUA*

DIA 16 | SÁB

10h00 | Observatório Astronómico e Geofísico da UC
JOSÉ MONTEIRO DA ROCHA E A HISTÓRIA DO OBSERVATÓRIO ASTRONÓMICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA *Palestra e Exposição OGAUC*

21h30 | Teatro da Cerca de São Bernardo
DE LÁ PARA CÁ: CANTANDO E ANDANDO
Espectáculo GEFAC REPETE DIA 17, DOMINGO

DIA 19 | TER

18h30 | Casa da Escrita
ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU *Exposição AQUARELA BRASILEIRA MULTIMEDIA*

21h30 | Teatro Académico de Gil Vicente
PLAYBACK: EM VIAGEM PELOS ANOS 80 *Concerto TAUIC*

DIA 20 | QUA

18h30 | Museu Nacional de Machado de Castro
CAMINHOS DA MÚSICA BRASILEIRA
POR FERNANDA CANAUD *Concerto de Piano MÚSICA NO MUSEU/MNMC/REITORIA DA UC*

DIA 21 | QUI

9h45 | Faculdade de Letras
DE HESTIA A HERMES: DA CASA À SIMBÓLICA DO CAMINHO *Conferências CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA FACULDADE DE LETRAS E UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA*

15h00 | Hospital Pediátrico da Universidade de Coimbra e Jardim Infantil da UC
PEQUENOS GRANDES CAMINHOS *Atividades para crianças AQUARELA BRASILEIRA MULTIMEDIA/JISASUC/HPUC*

17h00 | Colégio da Graça, Rua da Sofia
CAMINHOS QUE ABRIL ABRIU *Cinema CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO 25 DE ABRIL COM APOIO DO CES*

18h00 | Teatro Paulo Quintela, Faculdade de Letras
A VIAGEM *Leituras de poesia ASSOCIAÇÃO RECRIAR CAMINHOS*

21h30 | Teatro Académico de Gil Vicente
LENTO E LARGO *Dança NOVA CRIAÇÃO DE JONAS&LANDER TEATRO ACADÉMICO DE GIL VICENTE*

DIA 22 | SEX

14h30 | Faculdade de Letras
BEYOND MORE THAN ONE CULTURE AND ECOZONE (SÉC. XVI-XVIII): CAMINHOS ABERTOS PELA IGREJA ENTRE PORTUGAL, OS ESPAÇOS ATLÂNTICOS E VICE-VERSA *Conferência FLUC, CENTRO DE HISTÓRIA DA SOCIEDADE E DA CULTURA*

15h00 | Biblioteca Geral, Sala de São Pedro e Chronospaper
O CAMINHO PARA A PRESERVAÇÃO DO CONHECIMENTO *Conferência CHRONOSPAPER – OFICINA DE RESTAURO DE LIVROS E ENCADERNAÇÃO*

DIA 23 | SÁB

15h30 | Lar das Doroteias
O CAMINHO PARA A UC E OS LARES UNIVERSITÁRIOS FEMININOS (COMO VIA RÁPIDA) *Conferência JOÃO LUÍS DA COSTA NUNES*

17h00 | Círculo de Artes Plásticas de Coimbra
VOYAGERS – DESCAMINHOS DO IMPROVISO
Performance AQUARELA BRASILEIRA MULTIMEDIA/CAPC SEDE

21h30 | Centro Cultural D. Dinis
CULTURA TRADICIONAL: CAMINHOS, COSTUMES E REGIÕES
Cultura Tradicional: Etnografia e Folclore CASA DO PESSOAL DA UC – GRUPO FOLCLÓRICO

DIA 26 | TER

09h30 | DARQ e Auditório da Reitoria
30 ANOS EM COIMBRA *Colóquio DARQ - FCTUC*

DIA 27 | QUA

17h00 | Real República Prá-Kys-Tão
REPÚBLICAS ESPAÇOS DE MÚLTIPLOS CAMINHOS
Exposição fotografia e vídeo ASSOCIAÇÃO REAL REPÚBLICA PRÁ-KYS-TÃO

19h00 | Auditório Paulo Quintela, FLUC
DIA MUNDIAL DO TEATRO: I CALL HER WILL *Teatro CONCEÇÃO, ESCRITA E INTERPRETAÇÃO: SÓNIA BAPTISTA TAGV | FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA*

22h00 | Teatro Académico Gil Vicente
DIA MUNDIAL DO TEATRO: VENENO *Teatro DE CLÁUDIA LUCAS CHÉU E ALBANO JERÓNIMO TAGV*

DIA 28 | QUI

16h00 | Colégio das Artes
DIA MUNDIAL DO TEATRO: SALOMÉ *Performance MICAEL DE OLIVEIRA E DIEGO BAGAGAL TAGV*

17h00 | Faculdade de Medicina – Polo III
CAMINHOS DA VIDA DE UM MÉDICO
Colóquio FACULDADE DE MEDICINA

17h30 | Faculdade de Medicina, Polo I, Antigo Anfiteatro de Autópsias/Anatomia Patológica do IAP
CAMINHOS DE UM MUSEU MÉDICO E UNIVERSITÁRIO
Conferência INSTITUTO DE ANATOMIA PATOLÓGICA DA FMUC

18h00 | Escadaria do Colégio de S. Jerónimo
HERITAGE OF A MEANING *Performance audiovisual PENSAMENTO VOADOR – ASSOCIAÇÃO PARA A PROMOÇÃO DE IDEIAS*

18h30 | Casa da Esquina
PARADOCMA – VIVER MELHOR [A CIDADE], É PRECISO! 2.ª EDIÇÃO *Ciclo de Cinema CES-UC e ECOSOC-CES (RITA CAMPOS E LÚCIA FERNANDES) E CASA DA ESQUINA*

19h00 | Centro Cultural Dom Dinis
7 MARES/7 SEAS
Evento gastronómico solidário SASUC

22h00 | Teatro Académico de Gil Vicente
CINDERELA *teatro DE LÍGIA SOARES LÍGIA SOARES | MÁQUINA AGRADÁVEL | TAGV*

DIA 29 | SEX

10h00 | Auditório do Estádio Universitário de Coimbra
CAMINHOS DO ESTUDANTE-ATLETA:
ITINERÁRIO DA CARREIRA DUAL *Conferência FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA*

15h00 | Colégio de S. Bento, DCV
CAMINHO LONGO, OBRA IMENSA:
O LEGADO BOTÂNICO DE JÚLIO HENRIQUES
Exposição DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA, FCTUC

19h30 | Auditório Paulo Quintela, FLUC
AQUI SOMOS TODOS LÁZAROS *teatro DE JACINTO LUCAS PIRES COMPANHIA DAS CARPINTARIAS | FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA*

21h00 | Sala de ensaios do GEFAC
OFICINA DE DANÇAS E RITMOS AFRO-ANGOLANOS
Dança ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES ANGOLANOS EM COIMBRA

DIA 30 | SÁB

10h00 | Observatório Astronómico
VIAGEM CIENTÍFICA DE EDDINGTON
À ILHA DO PRÍNCIPE *Conferência OBSERVATÓRIO GEOFÍSICO E ASTRONÓMICO DA UC*

DIA 31 | DOM

18h00 | Capela de S. Miguel
MOCOS DO CORO: MÚSICA PARA A QUARESMA DE D. PEDRO DE CRISTO E REQUIEM DE DUARTE LOBO.
Concerto CORO SINFÓNICO INÊS DE CASTRO/REITORIA DA UC

ABRIL

DIA 1 | SEG

09h00 | Coimbra *(online)*
CAMINHOS DE UMA GEOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA *Oficina*
GCLP – COR NA LÍNGUA PORTUGUESA, ASSOCIAÇÃO CULTURAL

17h00 | Capela do DARQ
CAMINHOS FUTUROS DO PATRIMÓNIO
Instalação artística **CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS E DARQ**

DIA 2 | TER

10h00 | Liquidâmbar – Praça da República
TODOS OS CAMINHOS LEVAM A COIMBRA
Cinema **AQUARELA BRASILEIRA MULTIMEDIA**
 REPETE: ANFITEATRO III DA FLUC – 4.º PISO
 3 DE ABRIL – 10H-13H | 4 DE ABRIL – 21H

DIA 3 | QUA

10h00 | DARQ – Colégio das Artes
CAMINHOS FUTUROS DO PATRIMÓNIO *Colóquio*
CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS E DARQ

21h30 | Teatro Académico de Gil Vicente
COEXISTIMOS *Dança*
DE INÉS CAMPOS **TAGV**

DIA 4 | QUI

9h00 | Faculdade de Letras
ALIMENTARIS EM PATRIMÓNIOS ALIMENTARES OS CAMINHOS DO GOSTO *Workshop* **FLUC**

09h30 | Arquivo da Universidade de Coimbra
“NOS CAMINHOS DOS CORREIOS”: O VALOR DA CORRESPONDÊNCIA NOS SÉCULOS XVIII-XIX
Workshop **FLUC, CENTRO DE HISTÓRIA E SOCIEDADE DA CULTURA**

15h00 | Museu da Ciência
CAMINHOS ENTRE AS CIÊNCIAS NATURAIS E AS CIÊNCIAS DA SAÚDE *Colóquio*
MUSEU DA CIÊNCIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

15h00 | Biblioteca das Ciências da Saúde, Polo III
CAMINHOS E ITINERÁRIOS DE FERNANDO NAMORA
MOSTRA ICONOGRÁFICA E BIBLIOGRÁFICA **FMUC**

21h30 | Escadas Monumentais
BITENIQUES *Performance* **ASSOCIAÇÃO CHILI COM CARNE**

21h30 | Teatro Académico Gil Vicente
CEMORAÇÃO DO DIA DO ANTIGO ESTUDANTE DE COIMBRA E DA TOMADA DA BASTILHA II *Concerto*
ASSOCIAÇÃO DE ANTIGOS ESTUDANTES DA UC PARTICIPAÇÃO **ALMA DE COIMBRA, TUNA ACADÉMICA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

DIA 5 | SEX

9h30 | Faculdade de Letras
CAMINHOS. DAS NOVAS GEOGRAFIAS DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA
Seminário **CENTRO DE ESTUDOS IBÉRICOS DA FLUC**

10h00 | Colégio da Graça
CAMINHOS, RUAS, ESTRADAS, TRAJETOS E ATALHOS (CRETA) *Colóquio* **CES (NCCA) | FEUC (DOUTORAMENTO EM CIDADES E CULTURAS URBANAS) | FCTUC (DARQ)**

11h00 | Faculdade de Letras
COIMBRA CIDADE LIVRO ABERTO
CAMINHOS DA PALAVRA
Exposição **AQUARELA BRASILEIRA MULTIMEDIA / FLUC**

18h00 | Museu da Água
RIOS DE PORTUGAL: PROCESSOS ECOLÓGICOS E SERVIÇOS *Conferência*
MARE EM COLABORAÇÃO COM A PROAQUA E MUSEU DA ÁGUA

21h30 | Estúdio 2 dos Cinemas Avenida
CASAS BREVES *Cinema* **TIAGO CRAVDIÃO**

21h30 | Teatro Académico de Gil Vicente
XABIER DÍAZ & ADUFEIRAS DE SALITRE
Concerto **GEFAC**

DIA 6 | SÁB

9h00 | Centro Cultural Dom Dinis
CAMINHOS DOS DIREITOS HUMANOS *Colóquio*
SECÇÃO DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS DA AAC

10h00 | Claustro do Colégio das Artes
RITUAL PARA ABRIR CAMINHOS *Percurso nómade*
ECA ESFINGE COLETIVO ANCESTRAL – ARTE VISUAL CONTEMPORÂNEA, COM PARCERIA DE ADRIANO SOTERO, JORGE CABRERA, RUBENS MANO, DENIZA MACHADO, CRIS OLIVEIRA E MARISSEL MARQUES

10h30 | Instituto Geofísico
OS GRANDES SISMOS DE 1909 E 1969
Palestra e Exposição
OBSERVATÓRIO GEOFÍSICO E ASTRONÓMICO DA UC

15h30 | Igreja do Seminário Maior de Coimbra
CAMINHOS SONOROS: PERIPLO PELOS ORGÃOS DE COIMBRA *Récitas de Órgão e Composição Coral*
CORO CARLOS SEIXAS DA CASA DO PESSOAL DO MUNICÍPIO DE COIMBRA E PAULO BERNARDINO (ORGANISTA TITULAR DA UC)

15h00 | DARQ – Colégio das Artes
CIRCUM (TOC)ARTE
Espetáculo de Poesia/Exposição Sonora
COOPERATIVA BONIFRATES: COM APOIO DA CMC, DARQ E DEI

DIA 7 | DOM

Todo o dia | Conjunto de montras de lojas da Baixa de Coimbra (Rua dos Esteiros/Praça do Comércio/Largo do Poço)
DESENHAR CARTAZES COM/PARA O CAMINHO
Instalação artística **VER SINOPSE DIA 11 DE MARÇO**
COMPUTATIONAL DESIGN AND VISUALIZATION LABORATORY (CMS/CISUC)

DIA 8 | SEG

18h00 | Café Santa Cruz
CAFÉ EUROPA I FRAGMENTO *Apresentação de Guião para curta-metragem* **ASSOCIAÇÃO DOS CAFÉS COM HISTÓRIA**

DIA 10 | QUA

9h30 | DEI e DARQ
DAT-DESIGN, ARQUITETURA E TECNOLOGIA *Palestras, Workshops e outras actividades* **DEI E DARQ**

14h00 | Em diferentes espaços do Estádio Universitário/FCDEF
A CAMINHO DA INCLUSÃO II – ENCONTRO DE GERAÇÕES *Jogos e outras atividades lúdicas* **FCDEF**

21h30 | Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação
TU ARREBATAS OS CAMINHOS DA MINHA SOLIDÃO
Teatro **GRUPO DE EXPRESSÃO DRAMÁTICA INTERDITO DA FPCEUC**

18h00 | Ala do Jardim do Museu da Ciência da UC
IR E MEDITAR *Sessão de meditação*
ASHRAMA YOGA COIMBRA

DIA 11 | QUI

9h30 | DEI e DARQ
DAT-DESIGN, ARQUITETURA E TECNOLOGIA
Palestras, Workshops e outras actividades **DEI E DARQ**

17h30 | Faculdade de Medicina – Anfiteatro do Polo III
CAMINHOS DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA EM TEMPOS DE GUERRA
Conferência **FACULDADE DE MEDICINA**

17h30 | Jardim Botânico da Universidade de Coimbra
VEREDAS *Percurso botânico & Instalação artística* **JBUC**

18h30 | Teatro da Cerca de São Bernardo
O RETRATO OU AQUILO QUE NÃO SE VÊ
Lançamento de publicação **XEREFÉ, FLAGRANTETÍTULO**

21h30 | Estufa Grande do JBUC
CRU-ZZZZ-ARRRR *Performance musical*
 REPETE-SE A 12 E 13 DE ABRIL **TARRAFO – ASSOCIAÇÃO CULTURAL**

21h30 | Teatro de Bolso do TEUC, AAC
NOVA PRODUÇÃO TEUC *Teatro* **TEUC**

DIA 12 | SEX

17h00 | Círculo de Artes Plásticas de Coimbra
MOSIEUR M. *Lançamento de livro de artista*
CATARINA BOTA LEAL

18h00 | Tipografia Damasceno
TIPOGRAFIA DAMASCENO – 50 ANOS
Lançamento de publicação
JOANA MONTEIRO (CLUBE DOS TIPOS/EDITORA DOS TIPOS)

18H00 | Colégio das Artes da UC no “Quarto 22”
TWENTY STOPS (TO COIMBRA AND BACK AGAIN)
Exposição **DE NIKITA ALEXEEV** **COLÉGIO DAS ARTES**

18H00 | Galerias de exposição do Colégio das Artes da UC
MOTEL COIMBRA 2019 – O MUNDO EM TRANSITO
Exposição **COLÉGIO DAS ARTES**

18h00 | Museu da Água
RIOS DE PORTUGAL: ALTERAÇÕES GLOBAIS DOS RIOS E MONITORIZAÇÃO ECOLÓGICA *Conferência*
MARE EM COLABORAÇÃO COM A PROAQUA E MUSEU DA ÁGUA

18h30 | Salão Brazil/Centro Histórico de Coimbra
UMA HISTÓRIA DO JAZZ *Performance*
JAZZ AO CENTRO/ SALÃO BRAZIL, SERVIÇO EDUCATIVO

21h30 | Teatro-estúdio do CITAC, Edifício AAC
PRODUÇÃO CITAC 2019 *Teatro* **CAIXA NEGRA – CITAC**

21h30 | Teatro Académico de Gil Vicente
ODEIO ESTE TEMPO DETERGENTE
Teatro **DIREÇÃO ARTÍSTICA DE ANA NAVE**
TEATRO ACADÉMICO DE GIL VICENTE

caminhos

21.ª SEMANA CULTURAL UNIVERSIDADE DE COIMBRA 2019

WWW.UC.PT/SEMANACULTURAL
 AGENDA.UC.PT
 FACEBOOK.COM/SEMANACULTURALUC

RUA LARGA

REVISTA DA REITORIA
 DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
 NÚMERO 52+53
 FEVEREIRO 2018

REVISTA DA REITORIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A *Rua Larga* está aberta ao trânsito das ideias que circulam na Universidade de Coimbra (UC) desde junho de 2003.

O nome foi tomado de empréstimo à via que atualmente assegura a ligação do Largo D. Dinis à emblemática Porta Férrea. Rua que, antes da construção da cidade universitária como hoje a conhecemos, era já uma das mais importantes da Alta. Hoje, a Rua Larga é uma ponte entre passado e futuro, feita de pedra e ar, desenhada por Gonçalo Byrne.

A *Rua Larga*, revista, é esse espaço ao mesmo tempo simbólico e efetivo por onde passa o que se vai passando na Universidade.

Assine a *Rua Larga* e permaneça em contacto com a UC.

ASSINATURAS ANUAIS

ASSINATURA ANUAL DA REVISTA RUA LARGA (3 números)*: 15€
 Avulso (cada número): 7€ • Números Anteriores: 9€

Assinaturas em www.uc.pt/rualarga

Mais informação rualarga@uc.pt

Consultar números antigos www.uc.pt/rualarga

REVISTA DA REITORIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Os preços incluem IVA e portes de correio nacionais.

* A assinatura pode ter lugar em qualquer altura do ano,

passando a anuidade a contar a partir desse momento, independentemente do ano civil.